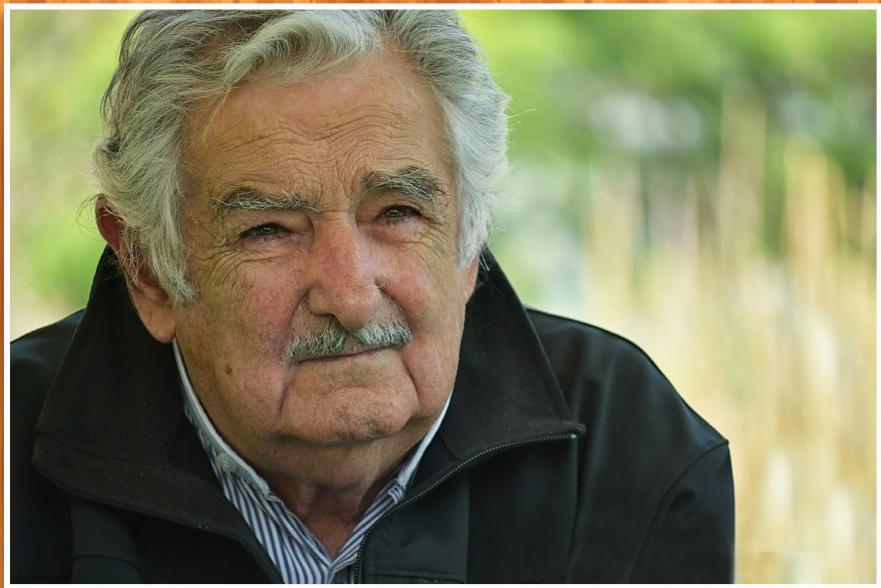


**Os ensinamentos de  
PEPE MUJICA e AILTON KRENAK**



**CONSELHO DIRETOR NACIONAL***Fátima e Zildomar - COORDENADORES NACIONAIS**Silvia e Claudimar - VICE-COORDENADORES NACIONAIS**Irmã Alzemir - ASSESSORA ECLESEÁSTICA**Jesuliana - SECRETÁRIA EXECUTIVA**Maria Lúcia e Coutinho - CONDIR SUL**Dilva e Sílvio - CONDIR SUDESTE**Valdirene e Gildásio - CONDIR NORDESTE**Danielma - CONDIR NORTE**Neuzemi e Vando - CONDIR CENTRO-OESTE***CONSELHO EDITORIAL***Anderson Amorim Alves, Camila Contente Pavão, Jorge Antônio Soares Leão, Lucileia do Socorro Souza Costa, Maria Sebastiana Soares Leão e Jesuliana Nascimento Ulysses Solange Castellano Fernandes Monteiro/José Airton Monteiro (CONDIR Sudeste, MFC - RJ)**Rainey Barbosa Marinho (CONDIR NORDESTE, MFC - AL)**Arte e diagramação Anderson Nogueira (amarartesvisuais@gmail.com) e João Borges**Circulação restrita sem fins comerciais***SUMÁRIO**

As bem-aventuranças das virtudes	3	Luxo, heresia e guerra: reforma de	_____
Sugestões de Leitura	5	Francisco será testada no conclave	36
Reflexões com a 7ª Arte	11	A experiência do amor	42
Saberes da Floresta	17	Jorge Leão	_____
En-CANTO DA POESIA ( I )	19	O que está curando a alma?	44
A árvore solitária	20	Trabalho é mesmo sinônimo de	_____
A Fome, o café com pão de queijo e a padaria	22	dignidade?	45
Solange Castellano Fernandes Monteiro		Rogério Rocha	
Palavra e Vida!	24	En-CANTO DA POESIA ( III )	47
Jorge Leão		Toada da ternura	
O aprender no dia a dia	25	Palavras do Papa Francisco	48
Sócrates Andarilho...	27	En-CANTO DA POESIA ( IV )	50
Jorge Leão		Caboclo roceiro	
A verdadeira Riqueza	29	Flor na fenda da rocha	51
Qualidade, não quantidade...	31	Queriam ser iniciados por Gandhi...	54
Jorge Leão		Por uma Florestabilidade e uma	
Galileu e a torre inclinada	32	Florestania	56
En-CANTO DA POESIA ( II )	35	Ailton Krenak	
		Palavras inspiradoras de José	66
		"Pepe" Mujica ( 1935 – 2025 )	

**CRÉDITOS DAS FOTOS DA CAPA**

Pepe Mujica

Foto: Lorenzo Santiago

The Brasilians NewsPaper

Ailton Krenak

Foto: Reprodução Instagram @\_ailtonkrenak

Circulação sem fins lucrativos



## As bem-aventuranças das virtudes

**B**em-aventurados os que são hospitaleiros, porque sem o saberem poderão estar hospedando o próprio Deus e seus mensageiros.

Bem-aventurados os que convivem com os semelhantes e os diferentes, porque estes serão enriquecidos em sua humanidade.

Bem-aventurados os que respeitam toda criatura, a formiga do caminho, as plantas, os animais e cada ser humano, independente de seu gênero, de sua origem, de sua etnia e de sua religião, especialmente os empobrecidos e desamparados, porque estes ganharão o honroso título de irmãos e irmãs universais.

Bem-aventurados os que mostrarem respeito para com os diferentes, que por amor renunciarem a convencê-los nem sequer pretendem fazê-los melhores pessoas e que, além disso, acolherem generosamente aquilo que não entendem de suas culturas. Estes serão chamados filhos e filhas de Deus, pois Deus tem a mesma atitude de respeitar a todos, bons e maus, justos e injustos.

Bem-aventurados os que sentarem à mesa como irmãos e irmãs para juntos comerem, beberem e celebrarem a generosidade da Terra com seus alimentos variados, legumes frescos e frutos co-

loridos. Estes serão considerados os verdadeiros filhos e filhas da Mãe Terra.

Bem-aventurados, os que promovem a paz, alimentam sentimentos de benquerença, desarmam os espíritos exaltados, cultivam o cuidado de uns para com os outros e suscitam amor nos corações. Estes serão os primeiros cidadãos do novo Céu e da nova Terra.

Bem-aventurados os que se entregarem ao estudo das

virtudes que podem garantir um outro mundo possível, não para ficarem simplesmente mais ilustrados, mas para poderem viver melhor e fazerem se pessoas virtuosas. Estes inaugurarão a nova era da ética planetária com a cultura do cuidado, da responsabilidade, da compaixão e do amor, bases da paz duradoura.

*Leonardo Boff. "Virtudes para um outro mundo possível. Volume III: Comer e beber juntos e viver em paz", p. 133 - 135.*

### *Para Refletir*

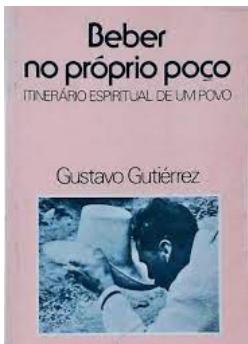
*"Nosso coração é diariamente lido pelos outros:  
na palavra que emitimos, na frase que escrevemos,  
no compromisso que assumimos ou  
nos gestos que praticamos."*

CHICO XAVIER  
( 1910 – 2002 )



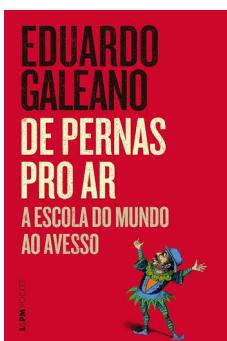


## SUGESTÕES DE LEITURA



**1 - GUTIÉRREZ, Gustavo.** *Beber no próprio poço – Itinerário espiritual de um povo.* Tradução de Hugo Pedro Boff. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

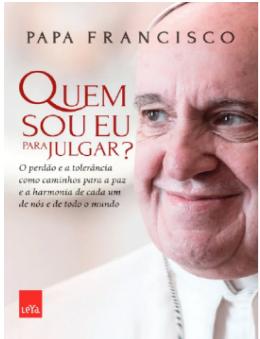
O livro do Pe. Gutiérrez revela uma trajetória pessoal do autor muito profunda e consistente. Ele é o testemunho eloquente do título que o apresenta: "Beber no próprio poço". Isto é uma experiência de fé, de amor e de esperança que nasce e jorra da prática de libertação dos pobres. A espiritualidade é uma aventura comunitária. É o andar de um povo que faz seu próprio caminho no seguimento de Jesus, através da solidão e das ameaças do deserto. Esta experiência espiritual é o Poço do qual temos que beber, ou, talvez hoje na América Latina, nosso Cálice, promessa de ressurreição. Esperamos que a leitura desta obra, realizada não apenas com mão de mestre, mas nascida da solidariedade com os pobres, revele-nos a presença de Cristo na vida e na luta dos pobres que morrem antes do tempo; e que a trajetória que Gutiérrez experimentou seja um incentivo para todos aqueles que trabalham nos meios populares.



**2 – GALEANO, Eduardo.** *De pernas pro ar – A escola do mundo ao avesso.* Tradução de Sérgio Faraco, com gravuras de José Gaudalope Posada. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2011.

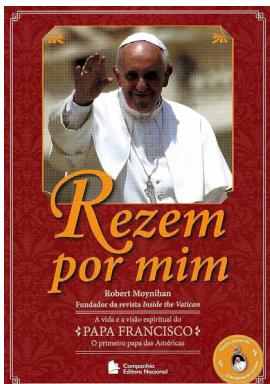
Há cento e trinta anos, depois de visitar o País das Maravilhas, Alice entrou num espelho para descobrir o mundo ao avesso. Se Alice renascesse em nossos dias, não precisaria atravessar nenhum espelho: bastaria que chegasse à janela.

No século XXI, o mundo ao avesso está à vista de todos; o mundo tal qual é, com o umbigo nas costas e a cabeça nos pés. Eduardo Galeano nasceu em Montevidéu Uruguai em 1940. Jornalista e escritor, esteve exilado na Argentina e na Espanha entre 1973 e 1985. É autor de vários livros, traduzidos em mais de vinte idiomas, e de uma profusa obra jornalística.



**3 – PAPA FRANCISCO. Quem sou eu para julgar?** – Reunido e editado por Anna Maria Foli. Traduzido por Clara A. Colotto. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

Grande liderança espiritual e política, Papa Francisco se tornou rapidamente símbolo de paz, de harmonia, exemplo máximo da aceitação do outro, da compreensão do diferente. Ninguém poderia imaginar, nem mesmo a própria Igreja, o carisma que Francisco alcançaria entre fiéis e não fiéis; ninguém poderia fazer ideia da força de sua voz, quando, em 2013, a fumaça da chaminé anunciou o novo Papa: naquele momento, teve início um pontificado revolucionário, sem precedentes. Para além da Igreja Católica, para além de qualquer barreira, o Papa, com seu diálogo franco, sua linguagem acolhedora, que muito nos abraça, conquistou grande parte do mundo, nos colocando para refletir de modo crítico sobre os direitos mais básicos do ser humano, sobre a misericórdia, e, por que não, sobre a humanidade de que nosso mundo tanto precisa.



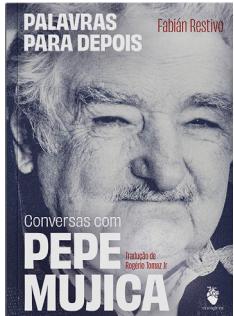
**4 – MOYNIHAN, Robert. Rezem por mim – a vida e a visão espiritual do Papa Francisco.** Tradução Books & Ideas Serviços Editoriais. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2013.

A renúncia do Papa Bento XVI deixou uma lacuna para os católicos e não católicos do mundo inteiro e uma imensa pergunta: quem seria o novo representante maior da Igreja Católica?

O autor traz em ricos detalhes os momentos que antecederam a escolha e os primeiros dias do papa após a sua eleição. O ensinamento do Papa Francisco é levar o amor de Jesus, a humildade e a misericórdia aos fiéis do mundo todo da maneira mais simples: por meio de atitudes.

Rezem por mim é uma leitura inspiradora. O Papa Francisco não é apenas o primeiro papa do Novo Mundo. É, principalmente, um novo sopro de esperança para a Igreja Católica. Pois que um Novo Tempo urge para unir fiéis e não fiéis comungarem o amor, a compaixão, a humildade e a misericórdia.

Que este livro seja um instrumento de auxílio e inspiração a todos!



## 5 – RESTIVO, Fabián. Palavras para depois – conversas com Pepe Mujica. Tradução de Rogério Tomaz Jr. Porto Alegre, RS: Coragem, 2024.

Este é um livro não apenas para ser lido, mas meditado e refletido nesse mundo que está aí. Pepe Mujica, de maneira sábia, nos provoca anão naturalizar as coisas, e nem achar que as mudaremos de uma hora para outra.

Nesta profunda conversa com Fabiano Restivo, Pepe não trata apenas de um tema, mas os relacionamentos sua profundidade: a vida, o amor, a natureza, a militância, a juventude. As contradições, as tensões do mundo, assim como as nossas, sempre estiveram aí. Ao olharmos para trás, lá também estão os nossos limites. O ser humano está sempre aprendendo, estamos aprendendo agora.

Profundo conhecedor da história, Mujica sabe, e nos mostra, que não há uma verdade religiosa, cristalizada, ou uma visão particular que possa se impor e resolver nossos problemas. Mas nessas Palavras para depois temos sementes para pensar as transformações sociais, culturais, políticas e humanitárias em nossa sociedade, onde a relação com a natureza é essencial.

Essa conversa tão humana nos lembra que, apesar de todas as adversidades e injustiças, há sempre um fio que abre caminhos, uma chama que precisa ser soprada. Para alimentar essa chama, temos aqui, sem dúvidas, uma leitura fundamental.

Olívio Dutra



## 6 – KAMBEBA, Márcia Wayna. Saberes da Floresta. Coleção Insurgências. São Paulo: Jandaíra, 2020.

Saberes da floresta é o segundo título da Coleção Insurgências, que nasce com o objetivo de partilhar e fazer girar reflexões e práticas comprometidas com formas diversas de pensar o mundo, as relações, os modos de aprender e de ensinar.

Neste livro, a produção poética da educadora e pesquisadora Márcia Wayna Kambeba, indígena Omágua/Kambeba, se apresenta como um fio que abre caminhos, promove aproximações entre saberes diversos, amplia a possibilidade de visões de mundo e incita novas formas de ensino e aprendizado.



**7 – PRIMAVESI, Ana. A Convenção dos Ventos – Agroecologia em contos.** 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016,

Uma leitura agradável e instrutiva. Um olhar sensível sobre a vida e a natureza. Uma forma leve e poética de se fazer entender a natureza.

Por meio destes contos a renomada autora, Professora Ana Primavesi, nos conduza uma iniciação agroecológica que toca nosso coração e ainda nos faz refletir sobre as ações humanas sobre o ambiente, tendo como foco a agricultura. Com criatividade e imaginação, descreve a função de elementos essenciais para as plantas, sua atividade nestas e no solo.

Ressalta a interação entre os organismos e o ambiente, sempre combinando poesia e ciência. Todavia, ao se referir às mudanças ambientais promovidas por ações humanas vislumbra consequências nefastas e lança um alerta sobre as sequelas decorrentes: com a degradação da vida do solo seguem a das características químicas e físicas dos solos, seu desequilíbrio e empobrecimento cuja consequência final é desertificação, a contaminação de rios, a poluição da terra, do ar e da água. E também dos alimentos.

Todos esses riscos são exclusivamente direcionados a ocasionar a ruína da vida em nosso planeta. É a ciência em forma de prosa. Com a capacidade cognitiva particular de pessoas especiais como ela o é, e, alinhando o conhecimento profundo com criatividade espetacular, concebe as fábulas agroecológicas.

Prof. Magda Beatriz Almeida Matteucci - Universidade Federal de Goiás

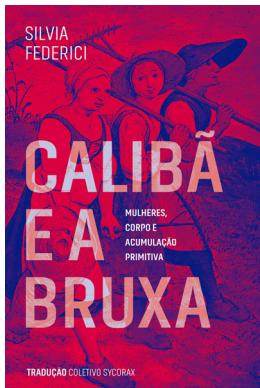


**8 – PATATIVA DO ASSARÉ. Melhores Poemas.** Seleção: Cláudio Portella. São Paulo: Global Editora, 2006.

Patativa é a grande voz da poesia brasileira de todos os tempos. Sua voz alta, sonora e contundente rompe as barreiras das divisões arbitrárias, impostas pelos preconceitos de parte da crítica e de alguns leitores.

Herdeiro de uma tradição que se perfaz na voz, Patativa atualiza uma tradição que vem de Homero, Tirésias, Cego Aderaldo e faz uma poesia que não perde de vista a denúncia social (sem fazer disso manifesto) e se inscreve no telúrico, no amor, numa poesia que eu chamaria de cidadã. Não busca o efeito fácil, a oratória piegas, mas o verso duro, que se enche de ternura pela imensa compaixão e pelo sentimento de pertencimento à categoria dos agricultores, semeando e colhendo ao longo de uma vida inteira, uma poesia madura, espécie de voz única, amada por muitos e em defesa de todos.

Gilmar de Carvalho



## 9 – FEDERICI, Silvia. *Calibá e a Bruxa – mulheres, corpo e a acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

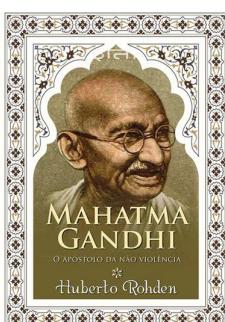
As acadêmicas feministas desenvolveram um esquema interpretativo que lança bastante luz sobre duas questões históricas muito importantes: como explicar a execução de centenas de milhares de “bruxas” no começo da Era Moderna, e porque o surgimento do capitalismo coincide com essa guerra contra as mulheres.

No entanto, as circunstâncias históricas específicas em que a perseguição às bruxas se desenvolveu – e as razões pelas quais o surgimento do capitalismo exigiu um ataque genocida contra as mulheres – ainda não tinham sido investigadas.

Essa é a tarefa que empreendo em *Calibá e a Bruxa*, começando pela análise da caça às bruxas no contexto das crises demográfica e econômica europeias dos séculos XVI e XVII e das políticas de terra e trabalho da época mercantilista.

Meu esforço aqui é apenas um esboço da pesquisa que seria necessária para esclarecer as conexões mencionadas e especialmente a relação entre a caça às bruxas e o desenvolvimento contemporâneo de uma nova divisão sexual do trabalho que confinou as mulheres ao trabalho reprodutivo. No entanto, convém demonstrar que a perseguição às bruxas – assim como o tráfico de escravizados e os cercamentos – constituiu um aspecto central da acumulação e da formação do proletariado moderno, tanto na Europa como no Novo Mundo.

Silvia Federici



## 10 – ROHDEN, Huberto. *Mahatma Gandhi; O Apóstolo da não-violência*. 2ª. ed. São Paulo: Martin Claret, 2004.

O livro *Mahatma Gandhi*(1958), de autoria do filósofo e educador Huberto Rohden, constitui um marco significativo na cultura brasileira. Uma biografia que causou grande interesse e impacto espiritual entre os leitores, narra a vida do imortal líder, místico e político da Índia moderna.

Gandhi é um fenômeno humano de incrível força cósmica. Sua mensagem de não-violência é a mais revolucionária estratégia social, política e religiosa de nossos tempos.

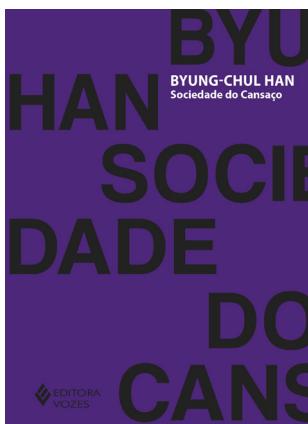
Para Rohden, o Mahatma Gandhi constitui o arquétipo de um ser humano integral. Nesta biografia, fartamente ilustrada, a vida do Mahatma é mostrada na sua luminosa grandeza.



**11 – MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira – caminhos de uma psiquiatra rebelde.**  
Rio de Janeiro: Automática Edições / Hólos Consultores Associados, 2014.

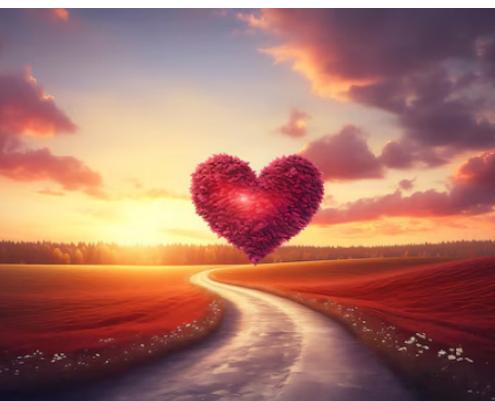
Aprendi muito com os loucos e isto vem a atrapalhar um pouco o conceito de razão. Fala-se na fonte da sabedoria e na fonte da loucura. Mas elas não são duas. Não há fontes separadas, está tudo muito próximo. De vez em quando uma pessoa ajuizadaíssima comete um ato de loucura que, felizmente, diz muito a ela própria sobre sua forma de viver.

Nise da Silveira ( 1905 – 1999 )



**12 – HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini.  
3ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

Byung-Chul Han, uma das vozes filosóficas mais inovadoras da atualidade, descreve neste ensaio como o Ocidente está se tornando uma sociedade do cansaço.



*“Temos carência profunda e necessidade urgente de a vida ser muito mais a realização de uma obra do que a de um fardo que se carrega no dia a dia.”*

Mário Sérgio Cortella:  
“Qual é a tua obra?”, p. 16.

# Reflexões com a 7ª Arte

## 1 – BATALHÃO 6888 – Direção: Tyler Perry, EUA, 2024.

Baseada em uma história verdadeira, Batalhão 6888 reconstroi a jornada de um grupo de mulheres negras que fizeram a diferença em meio ao cenário devastado e ao espírito exaurido de um país em conflito.

Essa inspiradora história se passa no auge da Segunda Guerra Mundial, em 1943, quando as ofensivas de guerra se intensificam e as prioridades governamentais se voltam para as estratégias balísticas. É assim que, durante três anos, milhares e milhares de cartas se acumularam em balcões das forças armadas, esperando serem enviadas para os campos de batalha. Um batalhão inteiramente feminino, então, é convocado para resolver esse problema. O 6888º Batalhão do Diretório Postal Central, com suas mais de oitocentas oficiais, correm atrás de cumprir sua missão, levando esperança, conforto e lembranças para os soldados no front, apesar das descrenças e dos encorajamentos racistas e machistas da corporação.

(Fonte: site Adoro Cinema)

## 2 – CONCLAVE, Direção: Edward Berger, Grã-Bretanha/EUA, 2024.

O papa está morto e agora é preciso reunir o colégio de cardeais para decidir quem será o novo pontífice. Em Conclave, acompanhamos um dos eventos mais secretos do mundo: a escolha de um novo Papa. Lawrence (Ralph Fiennes), conhecido também como Cardeal Lomeli, é o encarregado de executar essa reunião confidencial após a morte inesperada do amado e atual pontífice.

Sem entender o motivo, Lawrence foi escolhido a dedo para conduzir o conclave como última ordem do papa antes de morrer. Assim sendo, os líderes mais poderosos da Igreja Católica vindos do mundo todo se reúnem nos corredores do Vaticano para participar da seleção e deliberar suas opções, cada um com seus próprios interesses. Lawrence, então, acaba no centro de uma conspiração e descobre um segredo do falecido pontífice que pode abalar os próprios alicerces da Igreja. Em jogo, estão não só a fé, mas os próprios alicerces da instituição diante de uma série de reviravoltas que tomam conta dessa assembleia sigilosa.

(Fonte: site Adoro Cinema)





### 3 – AINDA ESTOU AQUI, Direção: Walter Sales. Brasil, 2024.

Ainda Estou Aqui é uma adaptação cinematográfica do livro autobiográfico de Marcelo Rubens Paiva, que narra a emocionante trajetória de sua mãe, Eunice Paiva, durante a ditadura militar no Brasil. Ambientada em 1970, a história retrata como a vida de uma mulher casada com um importante político muda drasticamente após o desaparecimento dele, capturado pelo regime militar.

Forçada a abandonar a rotina de dona de casa, Eunice (Fernanda Torres/Fernanda Montenegro) se transforma em uma ativista dos direitos humanos, lutando pela verdade sobre o paradeiro do marido e enfrentando as consequências brutais da repressão. O filme explora não apenas o drama pessoal de Eunice, mas também o impacto do regime militar na vida de milhares de famílias brasileiras, destacando o papel das mulheres na resistência.

Com uma narrativa profunda e sensível, Ainda Estou Aqui traz à tona questões de perda, coragem e resiliência, enquanto revisita um dos períodos mais sombrios da história do Brasil. A obra é um tributo à força de Eunice Paiva, que, contra todas as adversidades, se torna uma figura central na luta pelos direitos humanos no país.

(Fonte: site Adoro Cinema)



### 4 – ADOLESCÊNCIA, Direção: Philip Barantini, Reino Unido, 2025.

A vida da família Miller muda drasticamente quando Jamie (Owen Cooper), de treze anos, é preso sob a acusação de assassinar uma colega de escola. Seu pai, Eddie (Stephen Graham), luta para compreender o que aconteceu, enquanto a psicóloga Briony Ariston (Erin Doherty) tenta desvendar a mente do garoto. O inspetor Luke Bascombe (Ashley Walters) lidera a investigação, determinado a descobrir a verdade por trás do crime.

À medida que o caso avança, segredos são revelados e a linha entre inocência e culpa se torna cada vez mais tênue. A pressão da mídia e a opinião pública transformam a vida dos Miller em um pesadelo, colocando em xeque os laços familiares e a confiança entre pai e filho. Dirigida por Philip Barantini, a série marca mais uma colaboração entre ele e Stephen Graham, após o elogiado *O Chef*. Com uma abordagem intensa e realista, *Adolescência* explora o impacto devastador de uma acusação tão grave na vida de uma família, deixando no ar a pergunta: o que realmente aconteceu?

(Fonte: site Adoro Cinema)

## **5 – PAPA FRANCISCO, UM HOMEM DE PALAVRA.**

Em Papa Francisco: Um Homem de Palavra, vivemos uma jornada íntima pelas vida pública e espiritual de uma das figuras religiosas mais importantes do mundo. Viajando pelo mundo, espalhando mensagens de esperança em uma era de profunda descrença política, Papa Francisco representa ideais progressistas dentro da Igreja Católica.

PAPA FRANCISCO:  
UM HOMEM  
DE PALAVRA



O documentário procura apresentar seu trabalho reformista, suas muitas visitas espirituais pelo mundo e suas respostas às questões globais atuais sobre morte, justiça social, imigração, ecologia, desigualdade econômica, materialismo e o papel da família.

## **6 – LA STRADA, Direção: Federico Fellini n, Itália, 1954.**

Gelsomina (Giulietta Masina) é vendida pela mãe para o brutamonte Zampanò (Anthony Quinn), estrela de um número em que arrebenta correntes amarradas em seu corpo. A jovem auxilia Zampanò e passa a também ser apresentar como palhaça, seguindo o estilo de Chaplin. A garota é constantemente maltratada pelo homem, que ainda a agride sempre que tenta fugir. Quando os dois se juntam a um circo, Gelsomina fica encantada com Bobo (Richard Basehart), provocando ciúmes em Zampanò.

(Fonte: site Adoro Cinema)



## **7 – UM DE NÓS: Vida e legado do Papa Francisco – Direção e roteiro: Rodrigo Alvarez (Partes 1 e 2).**

Documentário acompanha Rodrigo Alvarez na trajetória do Papa Francisco, da infância à eleição no Vaticano, com revelações sobre sua vida, fé e legado.

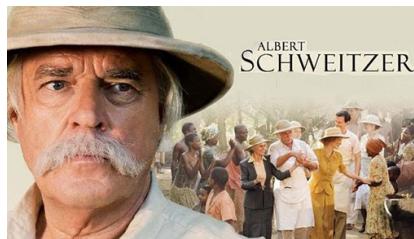
**UM DE NÓS**

Vida e Legado do Papa Francisco



## **8 – ALBERT SCHWEITZER.** Direção: Gavin Miller ( África do Sul, Alemanha, 2009 )

O filme biográfico de Albert Schweitzer conta a história do médico alemão evangélico que fundou um hospital na Lambaréné, no Gabão, na África.



Schweitzer fez teologia e filosofia na Universidade de Estrasburgo, era também um grande intérprete do músico luterano Johann Sebastian Bach (1685-1750), onde fazia concertos pela Europa com o fim de arrecadar dinheiro para o hospital, no qual serviu também como médico. Em 1952 ele ganhou o prêmio Nobel da Paz. Sua vida é um sinal da vivência evangélica no mundo.

## **9 – CABRINI** – Direção: Alejandro Monteverde – EUA, 2024.

Do aclamado diretor Alejandro Monteverde, conhecido por Som da Liberdade, Cabrini narra a extraordinária jornada de Francesca Cabrini (Cristiana Dell'Anna), uma imigrante italiana que chega a Nova York em 1889. Enfrentando um cenário de doenças, crimes e crianças abandonadas, Cabrini não se deixa abater.



Determinada a mudar a realidade dos mais vulneráveis, ela ousa desafiar o prefeito hostil em busca de moradia e assistência médica. Com seu inglês precário e saúde fragilizada, Cabrini utiliza sua mente extraordinária para construir um legado de esperança e solidariedade. Acompanhe a ascensão dessa mulher audaciosa, que, enfrentando o sexism e a aversão anti-italiana da época, se torna uma das grandes lideranças do século XIX, transformando vidas e deixando um legado de compaixão em meio à adversidade.

(Fonte: site Adoro Cinema)



## **10 – EL PEPE, Uma vida suprema** – Direção: Emir Kusturica – Argentina, Sérvia, Uruguai, 2018.

José Mujica, presidente do Uruguai de 2010 a 2015, foi guerrilheiro, preso político e teve uma carreira intensa. Descrito por muitos como o chefe de Estado mais humilde do mundo, Mujica doava grande porcentagem de seu salário para a caridade, e seu amor pela vida e pela natureza estão no centro de sua ideologia política. Através de sua trajetória, constrói-se uma narrativa sobre amor, militância, sustentabilidade e empatia.



**11 – KAPO – Uma história do Holocausto.** Direção: Gillo Pontecorvo. Itália, 1960.

Em Paris, Edith, uma adolescente judia, é presa e deportada com a família ao campo de concentração de Auschwitz. Após sofrer o trauma da execução de seus pais e disposta a sobreviver a qualquer custo, Edith se prostitui aos nazistas, sendo promovida ao posto de Kapo (guarda) das outras prisioneiras.

Porém, a chegada de Sacha, um prisioneiro russo, a faz recuperar a esperança e lutar pela liberdade.

**12 – NISE – No coração da Loucura.** Direção: Roberto Berliner, Brasil, 2015.

Ao voltar a trabalhar em um hospital psiquiátrico no subúrbio do Rio de Janeiro, após sair da prisão, a doutora Nise da Silveira (Gloria Pires) propõe uma nova forma de tratamento aos pacientes que sofrem da esquizofrenia, eliminando o eletrochoque e lobotomia. Seus colegas de trabalho discordam do seu meio de tratamento e a isolam, restando a ela assumir o abandonado Setor de Terapia Ocupacional, onde dá início a uma nova forma de lidar com os pacientes, através do amor e da arte.



**13 – FRIDA.** Direção: Julie Taymor. Canadá, EUA, México, 2002.

Frida Kahlo (Salma Hayek) foi um dos principais nomes da história artística do México. Conceituada e aclamada como pintora, ela teve também um casamento aberto com Diego Rivera (Alfred Molina), seu companheiro também nas artes. Por meio de seu trabalho, Frida Kahlo consolidou uma postura de militância estética e intensa produção artística, figurando como um dos expoentes mais relevantes das artes no cenário contemporâneo.



**14 – O SORRISO DE MONALISA.** Direção: Mike Newell. EUA, 2003.

Katharine Watson (Julia Roberts) é uma recém-graduada professora que consegue emprego no conceituado colégio Wellesley, para lecionar aulas de História da Arte. Incomodada com o conservadorismo da sociedade e do próprio colégio em que trabalha, Katharine decide lutar contra estas normas e acaba inspirando suas alunas a enfrentarem os desafios da vida.

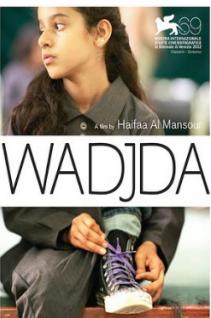
**15 – ZUZU ANGEL.** Direção: Sérgio Rezende, Brasil, 2006.

PATRÍCIA PILLAR  
**ZUZU ANGEL**  
LIVRE DE SERGIO REZENDE



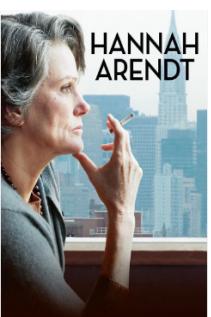
Brasil, anos 60. A ditadura militar faz o país mergulhar em um dos momentos mais trágicos de sua história. Alheia a tudo isto, Zuzu Angel (Patrícia Pillar), uma estilista de modas, fica cada vez mais famosa no Brasil e no exterior. O desfile da sua coleção em Nova York consolidou sua carreira, que estava em ascensão. Paralelamente seu filho, Stuart (Daniel de Oliveira), ingressa na luta armada, que combatia as arbitrariedades dos militares. Resumindo: as diferenças ideológicas entre mãe e filho eram profundas. Ela uma empresária, ele lutando pela revolução socialista e Sônia (Leandra Leal), sua mulher, partilha das mesmas ideias. Numa noite Zuzu recebe uma ligação, dizendo que "Paulo caiu", ou seja, Stuart tinha sido preso pelos militares. As forças armadas negam e Zuzu visita uma prisão militar e nada acha, mas viu que as celas estavam tão bem arrumadas que aquilo só podia ser um teatro de mau gosto, orquestrado pela ditadura. Pouco tempo depois ela recebe uma carta dizendo que Stuart foi torturado até a morte na aeronáutica. Então ela inicia uma batalha aparentemente simples: localizar o corpo do filho e enterrá-lo, mas os militares continuam fazendo seu patético teatro e até "inocentam" Stuart por falta de provas, apesar de já o terem executado. Zuzu vai se tornando uma figura cada vez mais incômoda para a ditadura e ela escreve que não descarta de forma nenhuma a chance de ser morta em um "acidente" ou "assalto".

**16 –WADJA.** Direção: HaifaaAl-Mansour. Alemanha, Arábia Saudita, 2012.



Wadjda tem dez anos de idade, e mora no subúrbio de Riade, a capital da Arábia Saudita. Ela é uma garota teimosa e cheia de vida, que gosta de brincar com os garotos. Um dia, após uma disputa com o amigo Abdullah, ela vê uma bela bicicleta verde à venda. Wadjda gostaria de comprar a bicicleta, para superar o colega em uma corrida, mas na sociedade conservadora onde vivem, garotas não podem dirigir carros ou bicicletas. Ela decide então fazer de tudo para conseguir o dinheiro sozinha.

**17 – HANNAH ARENDT.** Direção: Margarethe von Trotta. França, Alemanha, Luxemburgo, 2012.



Depois de acompanhar o julgamento do criminoso nazista Adolf Eichmann em Jerusalém, Hannah Arendt escreve sobre o Holocausto como nunca havia sido feito antes. Seu trabalho provoca um escândalo imediato, e Arendt permanece firme enquanto é atacada por amigos e inimigos. Mas enquanto a imigrante judia-alemã luta para romper suas ligações dolorosas com o passado, a sedutora mistura entre arrogância e vulnerabilidade de sua personalidade é exposta, revelando uma mulher lapidada pelo exílio. (Fonte: site Adoro Cinema)



## SABERES DA FLORESTA

75

**N**a aldeia, tudo se traduz em ensinamento: A remada, por exemplo, é a aula mais gostosa que as crianças têm, seguida do banho de rio. Ouvir as vozes da floresta é aula primeira, identificar o que cada ser da floresta quer dizer com seu canto. O canto das guaribas que, por ser assustador, é tido como prenúncio de algo ruim, é formidável: já tive o prazer de ouvir.[...]

Nascer e viver em aldeia me fez entender que a resistência precisa começar dentro de cada um de nós, buscando manter vivas as memórias coletivas e pessoais de saberes que nos orientam na caminhada e no compromisso de lutar junto com uma coletividade, por direitos e formas de seguirmos sendo continuidade.[...]

Precisamos dialogar numa

sintonia de mundos, promover reflexões com ações. [...]

É preciso silenciar para ouvir as vozes da floresta ecoando em nossa alma, tornando-nos sensíveis para entender cada movimento, cada cor e o canto dos pássaros e animais. As vozes das florestas servem de alerta para evitar muitos desastres, para educar, curar, orientar. É preciso estar com o coração e os ouvidos atentos para acolher e entender.

Por tempos, nós, indígenas, carregamos rótulos de atrasados, preguiçoso, fedorentos, desafinados, canibais, entre outros difíceis de relembrar e escrever.

No senso comum, quando se pensa em culturas indígenas, logo vem a ideia de que somos aculturados ou não mais existimos, porque não mais somos como nossos an-

cestrais do período de invasão e conquista.

Ora, para nós, isso não faz o menor sentido, pois, como qualquer cultura, as nossas são dialéticas e não foram destruídas, mas passaram por adaptações, fruto das demandas dos novos tempos e espaços. A música e a literatura deste novo tempo são instrumentos de luta para a desconstrução dessas ima-

gens preconceituosas, ainda presentes no imaginário de muitos.

Vamos ouvir o que a floresta quer nos dizer? Embarque nessa canoa de prosas e poesias, abra as ideias, que a remada já vai começar.

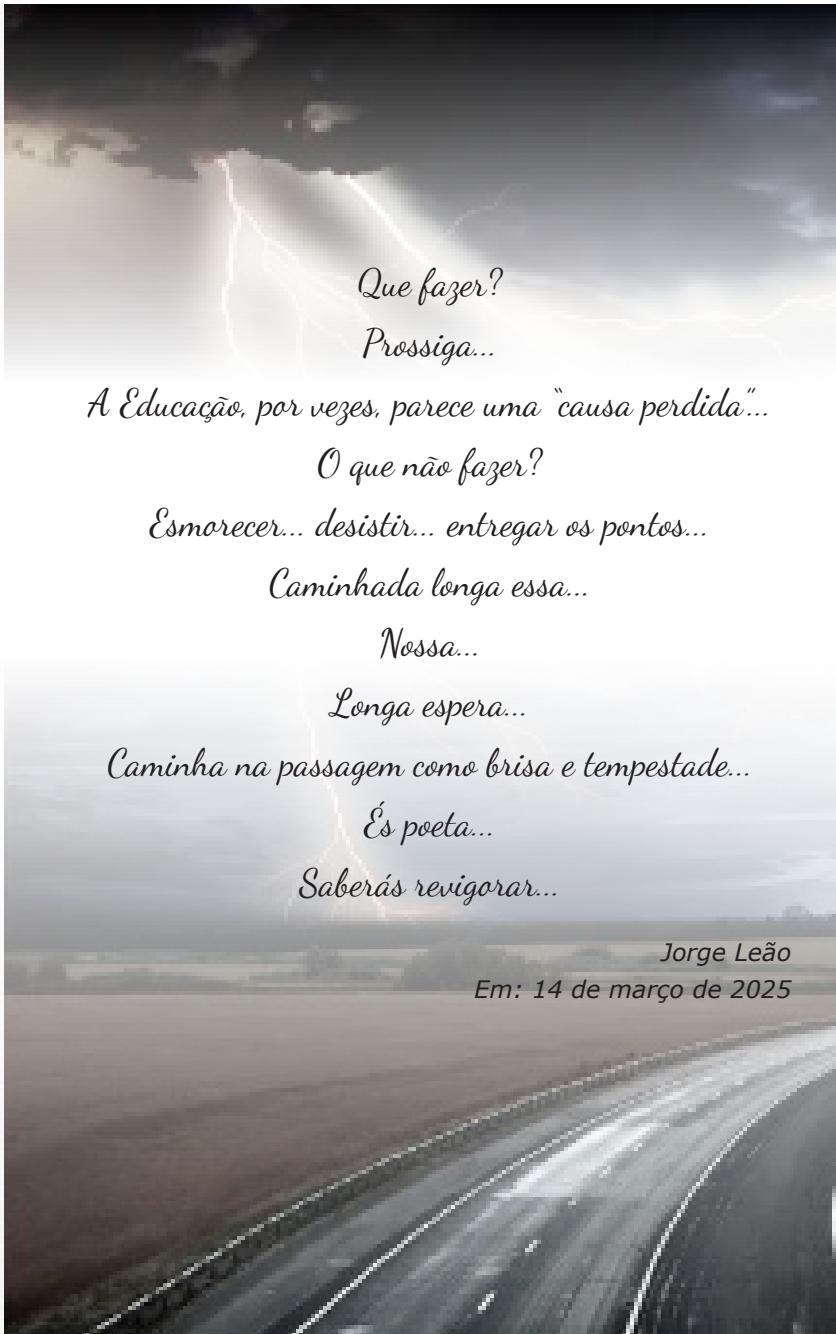
*Márcia WaynaKambeba:  
"Saberes da Floresta",  
p. 17 - 18.*

### *Para Refletir*

"Precisamos movimentar e viver cultura. A cultura se faz através da vida em movimento e de tudo que a circunda. Nós a modificamos, mas também somos modificados(as) por ela. Ninguém ensina a cultura: falamos sobre ela e a experimentamos no diálogo entre mundos."

Márcia WaynaKambeba: "Saberes da Floresta", p. 28.





*Que fazer?*

*Prossiga...*

*A Educação, por vezes, parece uma "causa perdida"...*

*O que não fazer?*

*Esmorecer... desistir... entregar os pontos...*

*Caminhada longa essa...*

*Nossa...*

*Longa espera...*

*Caminha na passagem como brisa e tempestade...*

*És poeta...*

*Saberás revigorar...*

*Jorge Leão*

*Em: 14 de março de 2025*

# A árvore solitária

Era uma vez um velho carvalho que já vivia muito tempo na floresta.

Muitos anos antes, uma grande tempestade varrera a floresta, deixando o carvalho quebrado e feio. Não era mais altivo e belo como as outras árvores. A primavera cobria a sua feiura com novas folhas verdes; no outono, as folhas se transformavam num belo manto carmim. Mas os ventos na floresta sempre sopravam, carregando o manto de folhas para longe. E, assim, nada restava para disfarçar sua feiura.

Passaram-se muitos e muitos anos e o carvalho começou a se sentir meio vazio por dentro. Sentia o coração também ferido, como o corpo. Quando ele já estava muito, muito velho, um vento de outono passou suspirando. O carvalho acabou se lamentando:

- Ninguém me quer. Não tenho mais nenhuma utilidade no mundo...

Toc, toc, to-ro-roc-toc, toc!. Era o Sr. Pica-Pau Cabeça Vermelha, bicando o tronco do velho carvalho. Toc-toc!. Foi martelando e furando, até que fez uma portinha de entrada para a sua residência de inverno, numa parte oca da árvore. Ele havia encontrado um salão pronto, cheio de bichinhos para ele e sua família comerem, quando chegasse o frio. As paredes da casa eram quentinhas, tudo muito arrumadinho e aconchegante.

- Que felicidade ter encontrado esta árvore oca! Fico tão agradecido! – Cantou o Sr.Pica-Pau Cabeça Vermelha.

Sschuip! Sschuip!. Era o Bobby Esquilo. Ficou correndo pelo tronco do velho carvalho, até que achou um buraco redondo, que seria sua janelinha da frente. Bobby Esquilo espiou para dentro. Ah, como era confortável e aconchegante, a casinha que ele viu! Forrou-a com musgo, e nas protuberâncias que formavam prate-



leirinhas amontoou pilhas e pilhas de nozes, prontas para os banquetes quando chegasse o frio. Ia ser ótimo morar lá, agasalhado no seu casaco de pele bem-alimentado. Ficaria seguramente abrigado até a chegada da primavera.

- Que felicidade ter encontrado esta árvore oca! Fico tão agradecido! - tagarelou Bobby Esquilo.

Então, uma coisa estranha aconteceu com a árvore. As asinhas do passarinho batendo animadas e o coração alegre do esquilinho aqueceram-na por dentro. O coração do velho carvalho inchou de Alegria.

Em vez de suspirar com o vento, seus ramos cantavam de felicidade. As gotas das chuvas do outono, já congeladas, pendiam dos seus dedos de galhos como refulgentes diamantes. A neve cobriu seu corpo com um magnífico man-

to branco. À noite, a luz das estrelas e, de dia, os raios do sol mantinham uma brilhante coroa sobre sua cabeça.

Em toda a floresta, não havia árvore mais feliz nem mais bela que o velho carvalho.

*Conto, adaptado por William Bennett, extraído de "OLivro das Virtudes II", p. 33 - 34.*

#### REFLITAMOS SOBRE O TEMPO DO ENVELHECIMENTO:

- Em nossa sociedade, com valores predominantemente utilitários, vigora lógica do descartável. Somente é considerado útil aquilo que produz. Como estamos vivenciando a experiência do envelhecimento em nossos dias? Geramos espaços de acolhimento às pessoas que chegam à experiência do envelhecimento. Converse com os amigos sobre o tema: "Envelhecer com dignidade".

#### *Para Refletir*

*"Nós não podemos nos render a essa narrativa de fim do mundo.  
Essa narrativa é para nos fazer desistir dos nossos sonhos."*

Aílton Krenak





## **A FOME, O CAFÉ COM PÃO DE QUEIJO E A PADARIA**

Solange Castellano Fernandes Monteiro  
MFC / Rio de Janeiro

**E**u vi a fome na minha frente. Era alta, magra, tinha barba cerrada, olhar triste, lábios grossos, braços e pernas compridos. Falava baixo, talvez porque a humilhação, a negação e a fraqueza a impedissem de falar alto.

Foi na parte do café de uma padaria. Não, a fome não era bonita e não estava ali para comprar um pão com café — creio que tampouco iria sentar-se em uma mesa ao lado. Percebi depois que não trazia nem mesmo uma bolsa, mas um saco preto, carregado de lixo reciclável. Talvez estivesse ali apenas esperando que alguém a olhasse. Um olhar que a enxergasse. Um olhar que não a ignorasse.

Certamente por isso — por

seu olhar pedinte de disponibilidade naquele momento — não fui capaz de reconhecê-la rapidamente. Muito menos reparei em suas expressões, porque enxergava algo que me haviam colocado na cabeça, sem que eu sequer quisesse. Entendi que a fome também espera e anseia por um outro “enxergar”, que não era o meu naquele momento. Apressada, a fome arrastava seus olhos em muitas direções ou empurrava o carrinho das pálpebras por poucos segundos em sentidos opostos.

Eu havia acabado de pedir meu delicioso café com um pão de queijo. E discutíamos em conversas que nem sei que fim levavam. Conversas que ficavam ali. Conversas carregadas ou guardadas. Conversas

que ignoravam a fome — tão presente e tão perto do meu delicioso momento. Entre o inusitado e o esperado, entre o comum e a surpresa, olho bem ali, na minha frente: a fome. E de repente, ao fitar meus olhos, quase sussurrando, meus ouvidos se esforçam para escutá-la. Uma pequena multidão de sons invade aquele pequeno orifício e decifra os códigos de um pedido: comprar uma sopa naquele tabernáculo de alimentos.

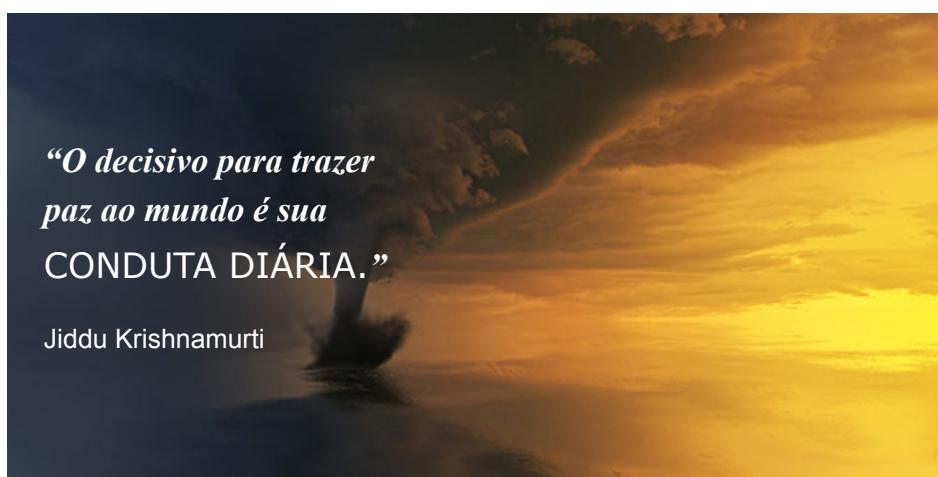
Não fosse eu tão insensível naquele momento, talvez ela tivesse fugido, buscando outros olhares. Afinal, há sempre orifícios auriculares ou olhos atentos que podem enxergá-la. Mas, no sussurro, a fome gritava — como se diante do precipício de quem se joga na esperança. Eu não tinha alternativa senão escutar e enxergar a fome à minha frente.

Parecia um espaço vazio. Nada à frente. O local se es-

vaziou para mim. A fome veio me buscar naquele momento.

A fome era um homem. Um homem catador de lixo, morador de rua, que passara por ali naquele instante. Teve coragem de entrar e sussurrar sua súplica por um prato de sopa, que se vendia em lindos suportes no balcão, apropriado para cobiçar o desejo de todos. Sua coragem, com todo o seu heroísmo, me deu coragem também. Joguei o que estava em minha cabeça sobre a mesa e chamei a fome: “Vamos lá, escolha qual sopa.” Sem sorrir, num passo rápido — antes que o expulsassem do recinto — ficou ao meu lado. O vigor de alcançar seus objetivos o havia impulsionado. Naquele momento, os que o serviam ficaram em êxtase. E, em puro orgulho, sorriram para a fome.

Voltei para o meu café com pão de queijo. E a fome voltou para agradecer. Nunca mais ela apareceu ali, naquela padaria.



*“O decisivo para trazer  
paz ao mundo é sua  
CONDUTA DIÁRIA.”*

Jiddu Krishnamurti



# Palavra e Vida!

**P**roporcionemos um caminho de abertura ao coração habitado pela luz do Divino Amor.

Que o tesouro mais precioso em nós sejam as mãos estendidas para o serviço diário pela paz, harmonia e equilíbrio.

Unamos esta frequência vibracional aos cenários de luz e amorosidade que envolvem o corpo físico, emocional e mental do planeta.

Sigamos perseverantes na vitalidade desta vibração bendita, que revigora as percepções, inspirações transformadoras.

Sintamos a pulsação da Mãe Terra no coração de cada passo diário.

Sejamos neste dia um sinal de renovação, de serenidade e de Esperança contínuas.

Que nossos sentidos sejam canais de elevação aos que sofrem, uma ponte de ternura

para os desamparados uma fonte de acolhimento para os entristecidos.

Que cada palavra seja uma extensão da Vida e que cada respirar seja um pulsar profundo, pela presença do ser de luz que habita em cada movimento consciente pela Paz.

Adotar uma postura de atenção pela amorosidade e vitalidade do sentir o momento da vida como sinal da Presença do Sopro Universal e vislumbrar um dia de renovação em um mundo acolhedor, no cenário transformador do Amor, da Paz e do Equilíbrio.

Gratidão por esta oportunidade de partilha!

Inspiremos Luz!

Transpiremos Amor!

Namastê!

Jorge Leão  
Março de 2025



## O APRENDER NO DIA A DIA

*Ainda pequeno na aldeia  
Na vivência com os irmãos  
Plantar macaxeira, tirar lenha  
Comer peixe com pirão  
É ensino, é educação.*

*Ir pra beira tomar banho  
Pegar cará e mandi  
Ver o sol se esconder  
E esperar a lua se vestir*

*Se vem cheia é alegria  
Coisa boa vem por aí  
E com sua luz toda aldeia  
Vai cantar, dançar, se divertir.*

*Aprender a acolher, tento na mata  
Fazer cocar de miriti  
A juntar as penas das aves  
Seguindo as orientações de Waimi.*

*É da floresta que vem  
A palha que a uka vai cobrir  
Tecer nelas nossas memórias  
Na folha de urucari.*

*Na aldeia é assim a educação  
Que desde séculos aprendi  
Conviver com a natureza  
Sem agredir, nem exaurir.  
Se hoje no século 21*

*Tens a mata e a biodiversidade  
Nesse verde eu cresci  
E conheci sua bondade  
Partilhar água e sombra  
Sem ver nisso tanta maldade.*

*Mas logo veio o “outro”  
E mostrou me com sua maldade  
A importância da escrita  
E vi nela uma necessidade.*

*Fui estudar na escola do “branco”  
Para entender sua realidade.  
Transformei a escrita em resistência  
Desenhei ternura, amor e bondade.*

*Compreendi que a cultura é um rio  
Corre manso para os braços do mar  
Assim, não existem fronteiras  
Para aprender, lutar e caminhar.*

*Hoje estamos nas universidades  
Levamos junto nosso lugar  
A construção do conhecimento é uma teia  
Que liga a tua cidade com minha aldeia.*

*Sendo que minha identidade se constrói  
Nas peculiaridades quem em mim permeiam  
Minha casa na cidade é também a minha aldeia  
Não perdemos nossa essência  
Somos o fino grão de areia.*

Márcia Wayna Kambeba: “Saberes da Floresta”, p. 30 – 31.

# SÓCRATES ANDARILHO...

**S**ócrates andava todas as manhãs pelas ruas e praças daquela cidade perturbada. Avistava as portentosas colunas dos templos e continuava perplexo diante de tanta apatia e indiferença. O mundo, ainda adormecido pelo frio das noites passadas, chorava de agonia e de dúvidas...

Daquela manhã, mais uma manhã, o sol parecia identificar-se com o desejo de Sócrates em construir uma base sólida e inabalável para o sentido do conhecer humano. Ele costumava refletir sobre as nuvens de chuva que, por vezes, se sobrepunham diante da luz do sol... Outro hábito rotineiro seu era o de sempre continuar andando e observando com atenção os transeuntes... Já era tempo, con-

tudo, de suscitar uma nova forma de ver as coisas, uma vez que o ser humano estava entregue a paixões impetuosas, que, para o filósofo andarilho, levariam, mais cedo ou mais tarde, à ruína humana. Certo dia, Sócrates declarou:

- Cidadãos atenienses, venho falar-vos sobre algo que necessitais com urgência saber. Infelizmente, ignorais por completo tão urgente saber. Diante dos males que assolam a cidade, devemos voltar às nossas casas e aprender novamente a respirar...

Os ouvintes, aturdidos diante de estranha e enfática assertiva, puseram-se a reagir de modo brusco e agressivo. - "O que estais a declarar com tais palavras enigmáticas, ó Sócrates?" Perguntou-



Ihe um dos ouvintes que param para ouvir sua fala...

- Voltem para suas casas, respirem, deem vazão à pausa, desaceleram a ânsia por reconhecimentos e prestígio... o ritmo de vossas rotinas impede que vocês vejam a ruína de uma vida sem reflexão... - respondeu Sócrates. As palavras do filósofo andarilho tocaram de modo preciso alguns interesses sub-reptícios, que permaneciam ocultos pelas máscaras das pompas e honrarias sociais. Ficaram como

estavam: presos às colunas imóveis que os mantinham ligados às vendas e compras de objetos efêmeros.

Ea Sócrates coube continuar sua caminhada, diante do sol ardente que o acompanhava a filosofar diante da procura da Verdade, sob as dores do parto no mergulho profundo à alma, que tanto ele acompanhara neste longo peregrinar...

Jorge Leão - Em 6 de fevereiro de 1997

*"Mais e mais se exige uma ciência com consciência. Isto significa: uma ciência feita com responsabilidade e sentido ético que se sente inserida no processo social global, atenta ao que ocorre com o sistema geral da vida, hoje submetido a pesado estresse pela voracidade industrialista e pelo consumismo."*

Leonardo Boff: "Virtudes para um outro mundo possível", p. 37.





## A VERDADEIRA RIQUEZA

Era Uma Vez um pastor que vivia em uma remota aldeia na Índia. Ele tinha poucas ovelhas e costumava levá-las para pastar no campo. Em troca as ovelhas lhe forneciam lã.

O pastor costumava ganhar a vida vendendo a lã das ovelhas. Ele gostava muito de seus animais e cuidava da saúde e da alimentação deles com muito carinho. A área onde as ovelhas ficavam era limpa diariamente. O pastor estava sempre atento a todas as necessidades delas.

Um dia uma das ovelhas adoeceu e o pastor ficou muito triste. Ele cuidou muito bem do animal, mas ele não melhorava. O pastor não desistia e assim gastou todo o seu tempo e dinheiro para fazer com que a ovelha ficasse bem. Confiante, ele levou o pobre animalzinho a um experiente veterinário, gastando

com isso o pouco dinheiro que ainda tinha.

Certa noite, ele não conseguia dormir, pois estava muito preocupado, porque não tinha conseguido ir até a cidade vender a lã que tirara das outras ovelhas.

Após pensar por muitas horas, o pastor finalmente conseguiu adormecer. Em seu sonho, uma fada apareceu e disse-lhe:

- Acorde pastor, eu estou aqui para deixá-lo muito rico. Tudo o que você tem que fazer é me dar a ovelha doente e em troca eu lhe darei uma ovelha de ouro. Assim que tiver a ovelha de ouro, você não precisará trabalhar nunca mais e terá uma vida muito luxuosa.

O pastor ouviu tudo com muito carinho e respondeu:

- Ó fada bondosa, é um prazer tê-la em meus sonhos.

Sinto-me abençoado por sua gentileza, mas eu não quero riquezas. Eu ficaria muito grato se você pudesse apenas deixar minha pequena ovelha tão saudável quanto antes.

A fada ficou muito surpresa ao ouvir isso. Então ela disse ao pastor:

- Eu estou prestes a fazer de você um homem muito rico. Como pode escolher uma ovelha doente, em vez de riqueza?

O pastor respondeu calmamente:

- Minhas ovelhas são minhas verdadeiras riquezas. Elas sempre tiveram o meu apoio nos momentos mais difíceis e se tornaram o meio que eu encontrei para sobreviver. Então eu não quero trocar minha riqueza por nada neste

mundo. Eu não seria capaz de ser tão ingrato.

A fada ficou muito contente com a resposta do pastor.

No dia seguinte, o homem acordou e viu sua ovelha saudável novamente. Ele agradeceu a fada do fundo do coração.

#### PARA REFLETIR:

A vida nos traz momentos bons e, às vezes, momentos ruins, mas sempre devemos nos lembrar daqueles que sempre estiveram ao nosso lado, porque essa sim é nossa verdadeira riqueza.

*Conto extraído do livro "A verdadeira riqueza", de Nandika Chand. Tradução: Anne Carolina de Souza. Belo Horizonte: CEDIC, 2013.*

*“A tua vida é o  
teu barro e são  
as tuas mãos  
que a moldam.”*

Sérgio Lizardo

# Qualidade, não quantidade...



**P**rima pela qualidade de teu cultivo. Aproveita a semeadura no tempo das sementes.

O que mais importa é a qualidade daquilo que semeias. Por isso, aproveita cada instante, cada movimento, como uma oportunidade da existência no transcurso do tempo, para semear qualitativamente um cultivo vital em tua amplitude física e psicossocial.

Faz tu tempo uma passagem qualitativa. Não temos absoluto controle sobre a quantidade dos dias e das horas, dos anos e dos ciclos. Mas, podemos viver com intensidade os momentos, realizando com amorosidade e devoção as tarefas cotidianas.

Educa o teu sentir nopalhar da gratidão, elevandoos teus pensamentos para o plantio diário da renovação. Cada novo amanhecer é um recomeçar, uma oportunidade inédita de semear, cultivar um novo caminhar.

A qualidade de tua semeadura será refletida na intensidade de teus afetos.

A qualidade de tua passagem será inspiradora para os que contigo convivem.

A qualidade de teu pulsar será vital para a permanência de cultivos duradouros, no campo realizador de tuas conexões e confluências pessoais e coletivas.

Aproveita cada novo amanhecer para sintonizar o Sopro da Vida, com vibrações de luz, paz e equilíbrio.

Que sejam de luz amorosa os teus passos, e partilhas benfazejas os teus afetos.

Na confluência do bem, inspiras Gratidão.

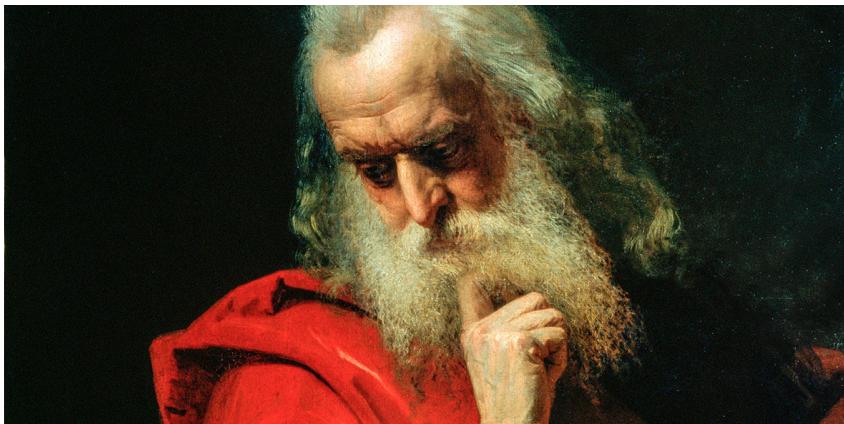
Na qualidade dos teus dias, inspiras Renovação.

A nossa gratidão por esta oportunidade de partilha...

Inspiremos luz! Transpiremos Amor!

NAMASTÊ!

Jorge Leão  
Em 27 de março de 2025



## *Galileu e a torre inclinada*

**H**á mais de quatrocentos anos, viveu na Itália um homem chamado Galileu Galilei. Nascido em 1564. Falecido em 1642. Possuía um espírito intensamente inquisitivo, ou seja, era o tipo de pessoa que faz questão de examinar a fundo tudo o que vê, pensar no assunto depois, e sempre perguntar "Porquê?". Começou como estudante de medicina, mas logo desistiu para se dedicar ao que realmente amava – a física e a matemática. Entregou-se de corpo e alma aos estudos e aos vinte e seis anos, passou a lecionar matemática na universidade de Pisa.

Naquela época, as pessoas não questionavam as afirmações teóricas herdadas dos grandes pensadores do passado. Nem passava pela cabeça delas testar por si mesmas a verdade dessas afirmações.

Aceitavam Aristóteles, o filósofo da Grécia antiga, como autoridade máxima. "O mestre falou" era o lema na época de Galileu. Os doutores sabiam de cor as doutrinas de Aristóteles; duvidar delas era considerado blasfêmia, ou até mesmo um crime. De fato, o estudante que discordasse da opinião dos antigos era multado ou punido.

Uma das famosas afirmações de Aristóteles era: a velocidade com que um objeto cai na terra depende do seu peso. Um peso de dez quilos, por exemplo, cairia 10 vezes mais rápido que um peso de um quilo.

Mas Galileu tinha observado diversos objetos caindo e não concordava com essa afirmação. E realizou algumas experiências até ficar satisfeito.

- Aristóteles está equivocado – declarou. O peso nada tem a ver com a velocidade da queda dos objetos. A resistência do ar é que afeta a razão de descida. Se dois objetos vencerem o mesmo grau de resistência do ar, chegarão juntos ao solo, independentemente do peso de cada um. Uma pedra pesada e uma leve podem cair exatamente com a mesma velocidade.

Os outros professores da universidade ficaram chocados e se irritaram com Galileu. Afirmaram que evidentemente Aristóteles estava certo e Galileu estava fazendo o papel de bobo. Devia calar a boca e parar de aborrecê-los com aquelas ideias ridículas, se não quisesse perder o emprego.

- Tudo bem - disse Galileu. Vamos fazer um teste. Será a minha teoria contra de Aristóteles. Se eu estiver equivocado, calo a boca. Encontre-me na torre.

A Torre de Pisa é famosa no mundo inteiro, é claro, porque é inclinada e parece que vai desabar a qualquer momento. A construção dessa torre foi

iniciada em 1174 e, quando alcançou o terceiro pavimento, um dos lados começou a afundar. Os engenheiros tentaram compensar o ângulo, fazendo os pavimentos restantes mais altos no lado da inclinação, mas a torre continuou a afundar. Quando ficou pronta, a torre de sessenta metros de altura estava tão inclinada que um objeto atirado do último pavimento chegava ao solo a um instante de uns cinco ou seis metros da base.

Galileu subiu na torre. Uma multidão de professores, estudantes e curiosos se reuniu lá embaixo. A cada degrau que subia, ouvia mais risadas e zombarias. Chegando ao topo, pegou duas bolas de ferro, uma pesava dez quilos e uma outra pesava apenas um quilo. A questão era: quando Galileu as empurrasse, exatamente no mesmo instante, a bola mais pesada atingiria o solo primeiro, como queria Aristóteles, ou...?

Colocou as duas bolas cuidadosamente equilibradas na balaustrada e empurrou-as ao mesmo tempo.

Aglomerados lá embaixo, os colegas estudantes viram as duas bolas mergulharem



da balaustrada lado a lado a princípio, continuarem lado a lado e, finalmente... ouviram um tremendo baque. Um único baque. As duas bolas, atingiram o solo no mesmo instante.

Galileu estava certo e Aristóteles, equivocado.

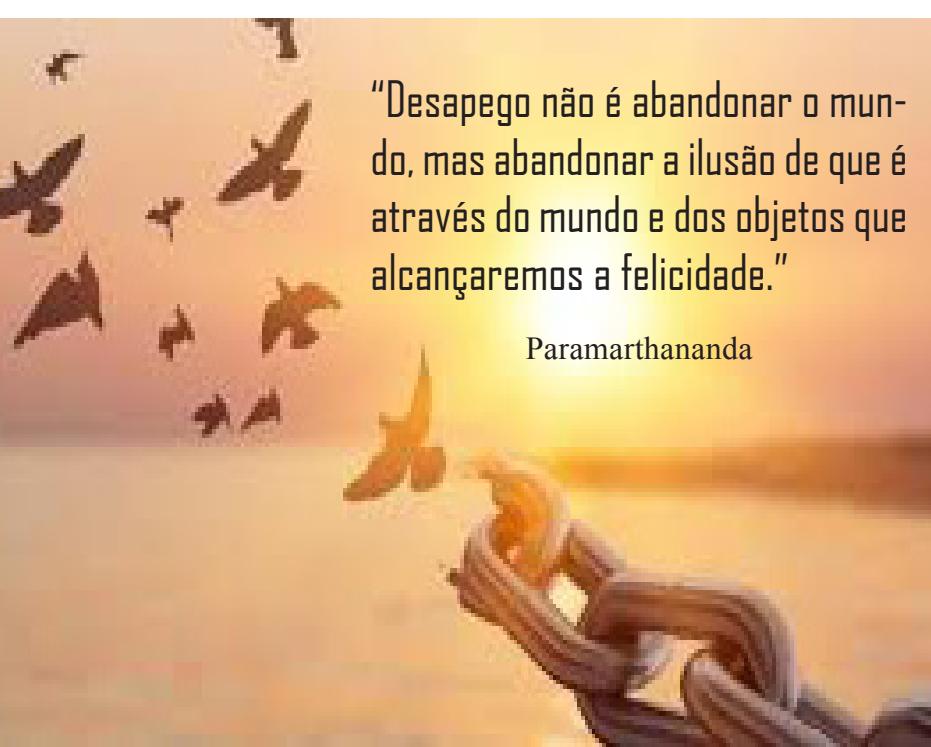
Ainda assim, algumas pessoas que assistiram à experiência não acreditaram nos próprios olhos. É muito difícil abrir mão de velhas ideias, principalmente se persistirem durante séculos. Alguns professores fizeram inúmeras objeções, continuando a insistir que Aristóteles é quem estava certo. Afinal, se admitissem que Galileu tinha razão, quan-

tos outros princípios de Aristóteles estariam equivocados?

Era preferível silenciar aquele agitador. Passaram a infernizar a vida de Galileu, vaiando suas aulas e palestras.

Mas Galileu não se dava por achado. Despediu-se de Pisa e arrumou um emprego de professor na universidade de Pádua, onde a liberdade de pensamento era um pouquinho maior. Em Pádua, a continuo a questionar, descobrir, mostrando ao mundo o quanto pode ser feito quando alguém ousa pensar por si mesmo.

*Texto extraído de "O Livro das Virtudes II", organizado por William Bennett, p. 304 - 306.*



“Desapego não é abandonar o mundo, mas abandonar a ilusão de que é através do mundo e dos objetos que alcançaremos a felicidade.”

Paramarthananda

## *Meu povo, meu poema*

*Meu povo e meu poema crescem juntos  
como cresce no futuro  
a árvore nova*

*No povo meu poema vai nascendo  
como no canavial  
nasce verde o açúcar*

*No povo meu poema está maduro  
como o sol  
na garganta do futuro*

*Meu povo em meu poema  
se reflete  
como a espiga se funde em terra fértil*

*Ao povo seu poema aqui devolvo  
menos como quem canta  
do que planta*

*FERREIRA GULLAR, em: "Dentro da noite veloz"  
(Coletânea de Poemas 1962 – 1975)*





## Luxo, heresia e guerra: reforma de Francisco será testada no conclave

Assim que tomou posse em 2013, o Papa Francisco convocou nove cardeais e lhes deu uma tarefa: limpar o lugar. Eles teriam a missão de identificar tudo o que existia de exagero, corrupto ou que desviasse da missão da Igreja. Mas, acima de tudo, desenhar uma nova constituição para a Santa Sé e transferir poder e responsabilidades da Cúria Romana para as conferências locais de bispos. Seria um verdadeiro terremoto.

Ele assumia no lugar de Bento 16, que ganhou o apelido de "Papa Prada" por seu gosto por itens de luxo e sa-

patos de pele. Dois meses depois, Francisco decidiu fazer uma "inspeção" de surpresa a sua própria garagem e teria ficado impressionado com o valor e luxo da frota. Sua ordem foi para que os carros fossem vendidos e trocados por modelos mais baratos.

Sete meses depois de assumir o trono de São Pedro, o pontífice decidiu que, pela primeira vez em cento e vinte e cinco anos, o mundo saberia o que estava nos cofres do Vaticano e ordenou a instituição a publicar seu primeiro balanço. Outro terremoto.

Em encontros privados e públicos, Francisco não disfar-

çou seu desprezo pela Cúria. Num encontro com freiras, ainda no final de 2013, ele admitiu que não concordava com o grupo que administrava a Santa Sé e que, por séculos, acumularam direitos e luxo.

"Os chefes da igreja sempre foram narcisistas, lisonjeados e emocionados por seus cortesãos. A corte é a lepra do papado", disse.

O momento mais crítico de sua luta contra esses privilégios ocorreu em dezembro de 2015. Ao se reunir com a Cúria para a mensagem de Natal, o papa os acusou de "hipocrisia".

Havia outro fato que Francisco considerava como intolerável: a existência de mendigos nos arcos do Vaticano, repleto de ouro e arte. Depois de instalar chuveiros, banheiros e de ordenar a distribuição de comida e roupas para as centenas de mendigos e sem-teto que dormem todas as noites sob as pilas das colunas do Vaticano e por Roma, o papa abriu uma barbearia gratuita para os mais miseráveis.

Quando a iniciativa foi anunciada, cabeleireiros e voluntários de Roma deram à Santa Sé dezenas de tesouras, pentes, espelhos e cadeiras para que os novos clientes pudessem ser atendidos. Francisco ainda comemorou seu aniversário distribuindo 400 sacos

de dormir para os mendigos e sem-teto, e convidou 200 deles para jantar no Vaticano.

O vendaval que causava Francisco parecia não ter fim. Quatro meses depois de sua posse, ele quebrou um tabu - mas não alterou dogmas - quando disse: "quem sou eu para julgar os homossexuais?". Ele continuou causando indignação das alas mais radicais da Igreja ao lavar os pés de uma refugiada muçulmana. Sua missão, dizia ele, era acolher e usava a imagem da Igreja como um hospital de campanha, que atendia a todos, sem perguntar.

O centro de sua reforma era simples: a Igreja deveria servir aos fiéis e ao mundo. E não a ela mesma, sob o risco de ser irrelevante.

### A guerra interna

Os gestos foram amplamente aplaudidos fora de Roma. Mas houve quem tenha resistido. "Um palhaço". Foi assim que uma ala mais tradicional da Santa Sé começou a chamar Jorge Bergoglio.

Francisco tinha pressa. Desde o início de seu pontificado, ele confessava a pessoas próximas a ele que temia que seu percurso seria curto. Precisava, assim, agir em dois sentidos: abrir o debate sobre temas sensíveis dentro da Igreja e, ao mesmo tem-

po, nomear cardeais progressistas para que sua obra não terminasse com o fim de seu pontificado.

Francisco, assim, acelerou a escolha desse novo governo da Santa Sé, proliferando ameaças de mais de cem religiosos de um total de setenta e um países, algo jamais visto na história do Vaticano.

O papa ainda usou um documento publicado por João Paulo 2º, *Donum Veritatis*, como base de um processo de demissões. O texto, que pedia a submissão da vontade e do intelecto e impedia que teólogos discordassem em público de seus superiores, tinha sido elaborado para permitir ao polonês uma ação contra dissidentes.

Alguns dos herdeiros de João Paulo 2º descobriram que a arma tinha, agora, se virado contra eles. Num dos

gestos mais enfáticos, o papa argentino excomungou uma comunidade de franciscanos, acusados de manipulação do evangelho, de ensaiar uma aliança com a extrema direita e que promovia missas apenas em latim.

Mas fez muitos inimigos quando iniciou o debate sobre temas de fundo. Atacou o capitalismo, saiu em defesa de imigrantes e questionou toda a teoria econômica pela qual a liberdade do mercado garantiria que a pobreza fosse combatida. Ele ainda montou uma intensa campanha pela defesa do meio ambiente, acolheu e abraçou o cacique Raoni e transformou seu gabinete num espaço de diálogo com outras religiões.

Em 2019, ao organizar o Sínodo da Amazônia, permitiu que os documentos trouxessem a ideia de flexibilizar protocolos.



Algumas das propostas aprovadas pelos bispos chacoalharam a praça São Pedro: a avaliação de uma eventual participação das mulheres na liturgia, a criação de um pecado ecológico e a possibilidade de que homens casados possam ser ordenados padres.

Tudo isso para que a Igreja volte a ter um papel na Amazônia. Se não bastasse, a presença de pessoas de pele escura, com outras tradições e vestimentas pelas salas do Vaticano deixaram os mais conservadores incomodados, e a crise entre tradicionalistas e reformistas ainda mais explícita. Uma estátua indígena que representava a fertilidade e que fora usada numa igreja de Roma ainda foi roubada e jogada num rio.

As propostas não vingaram. Mas, pela primeira vez, entraram nas discussões oficiais.

O argentino deixou claro que não aceitaria ser "prisioneiro de um seleto grupo", classificando seus adversários de "elite católica". Para questionar esse grupo, o papa citou os trabalhos de Charles Péguy que, há um século, escreveu "Nota Conjunta sobre Descartes e Filosofia Cartesiana".

"Por que lhes falta a coragem de assumir assuntos terrenos, eles acreditam que estão assumindo os de Deus. Por que têm medo de fazer parte

da humanidade, pensam que são parte de Deus. Por que não amam ninguém, iludem-se pensando que amam a Deus", disse.

## DIVÓRCIO DIVIDIU A IGREJA

Foi, acima de tudo, sua exortação apostólica *Amoris Laetitia* que causou uma rebelião. No documento, estratégicamente ambíguo, a nota de rodapé 351 deixa uma sugestão de que pessoas divorciadas e casais que tenham se casado de novo possam comungar.

Nela, o papa afirma que algumas pessoas vivendo num segundo casamento "podem estar vivendo na graça de Deus, podem amar e também podem crescer na vida de graça e caridade, enquanto recebem a ajuda da Igreja para esse fim".

"Em certos casos, isso pode incluir a ajuda dos sacramentos. Por isso, quero lembrar aos sacerdotes que o confessionário não deve ser uma câmara de tortura, mas sim um encontro com a misericórdia do Senhor. Eu também gostaria de salientar que a Eucaristia não é um prêmio para os perfeitos, mas um poderoso remédio e alimento para os fracos", completou. "Ao pensar que tudo é preto e branco", acrescenta Francisco, "às vezes fechamos o caminho da graça e do crescimento", alertou.

Não demorou para que os grupos se organizassem. O mal-estar era de tal dimensão que, ainda em 2015, a revista Newsweek estampou em sua capa uma manchete que causou um profundo mal-estar no Vaticano. A publicação americana trazia uma foto do papa com uma pergunta. "Francisco é mesmo católico?".

A reportagem mostrava quanto ele e seus dissidentes estavam distantes nas ações públicas sobre tantos temas. Não era possível, segundo a revista, que ambos os grupos fossem da mesma religião.

#### Papa herético?

A partir de 2016, essa oposição decidiu ir ao ataque. Numa carta naquele ano, um grupo de teólogos denunciava Francisco por "heresia" no documento Amoris Laetitia.

Em 2019, uma segunda carta surgiu, acusando o papa por uma "rejeição abrangente do ensino católico sobre o casamento e a atividade sexual, sobre a lei moral e sobre a graça e o perdão dos pecados". Assinada por mais de mil teólogos e religiosos, ela insistia que Francisco teria cometido o "delito canônico de heresia", definido como o ato de alguém agir contrariamente a um ensinamento revelado por Deus.

Se Francisco não se arpendesse publicamente, a

carta pedia que os bispos declarassem que ele cometeu heresia e deveria "sofrer as consequências canônicas desse crime". Essas consequências deveriam incluir a destituição do cargo.

Meses depois, surgiu nas livrarias romanas o livro Papa Ditador, escrito por um pseudônimo que escolheu um nome renascentista: Marcantonio Colonna. A obra, supostamente de um detrator, contava uma suposta ditadura imposta por Francisco, sem provas ou evidências.

A acusação de heresia também foi costurada por um cardeal que se transformou, na primeira metade do pontificado de Francisco, como seu adversário mais vocal. Raymond Burke havia sido demitido pelo papa do sistema de cortes do Vaticano e foi colocado no conselho de uma obscura entidade de caridade. Mesmo em seu novo cargo, Burke voltou a se chocar com o papa e teve seus poderes ainda mais reduzidos.

Sua retaliação foi publicar uma lista de perguntas e abrir o debate sobre Amoris Laetitia e se o papa estava violando as escrituras sagradas.

Ultraconservador, Burke mantinha uma relação de amizade com Steve Bannon, articulador de Donald Trump. Foi o cardeal quem convidou o

estrategista americano de extrema direita a proferir um discurso no Vaticano, em 2014.

Quatro anos depois de assumir, o papa vinha ainda sofrendo uma campanha de desinformação e de ataques públicos. Numa certa manhã de 2017, postes e muros da cidade de Roma acordaram com cartazes criticando o pontífice.

Escritos em dialeto romano local, os pôsteres acusavam o papa de ter "removido padres; decapitado os Cavaleiros de Malta e ignorado os cardeais". Dias depois, o argentino rebateu: "Não perco o sono por isso".

Ao longo de seu percurso, Francisco manteve seu plano de reforma. Não realizou todas as transformações que dese-

java. Os escândalos não desaparecem por completo, com casos de corrupção envolvendo um prédio comprado pelo Vaticano em Roma avaliado em 140 milhões de euros, suspeitas de abusos sexuais persistentes e o uso de recursos para renovações milionárias de residências de cadeias.

Ainda assim, Francisco rompeu com uma estrutura de poder, de luxo e de privilégios que marcaram a Santa Sé nas últimas décadas.

"É isso que está em jogo no Conclave, uma vez mais", admitiu um cardeal latino-americano, na condição de anonimato.

Jamil Chade, UOL  
[www.facebook.com/  
share/p/1BokdYvm1k/](http://www.facebook.com/share/p/1BokdYvm1k/)

*"Não é pela idade do corpo que se computa a vida do ser humano – é pela primavera do seu espírito."*

Huberto Rohden: "Em Espírito e Verdade", p. 13.





# A experiência do AMOR

Tal como no brinquedo da criança, o amor é uma experiência. É um modo de ser. Por maior esforço do intelecto, a fim de penetrar no entendimento deste âmbito, nenhuma explicação esgota a espontaneidade de um sorriso ou de um abraço acolhedor de uma criança. Pesquisas têm demonstrado a eficácia de terapias holísticas como a meditação, a ioga, a musicoterapia, a risoterapia, o efeito prolongado de um abraço em tratamentos para problemas crônicos no organismo,

O corpo reflete, por meio de sintomas, um complexo e longo processo de acúmulos e desarranjos na alma. Por isso, é necessário tocar a alma ao tocar o corpo. Devemos caminhar de mãos dadas: ciência e espiritualidade. Uma complementando a outra.

Em termos de compreensão mais ampla do quadro acelerado de adoecimento crônico de nossa população, sobretudo nas grandes cidades, é necessária a realização de vivências integradoras, tendo como foco a consciência do ser livre, de sua imaginação criativa e de seu engajamento em causas comuns, isto é, alargar a consciência da irmandade planetária.

Precisamos fazer uso da compaixão, inserindo atitudes cooperativas. Elas são caminhos eficazes para atuação de uma cultura planetária tão urgente no atual momento de crise global em que vivemos. E o amor, onde entra neste contexto? O amor é a mola propulsora de todas as nossas buscas. É na prática diária da cooperação e da partilha que aprendemos a amar. Nos pe-

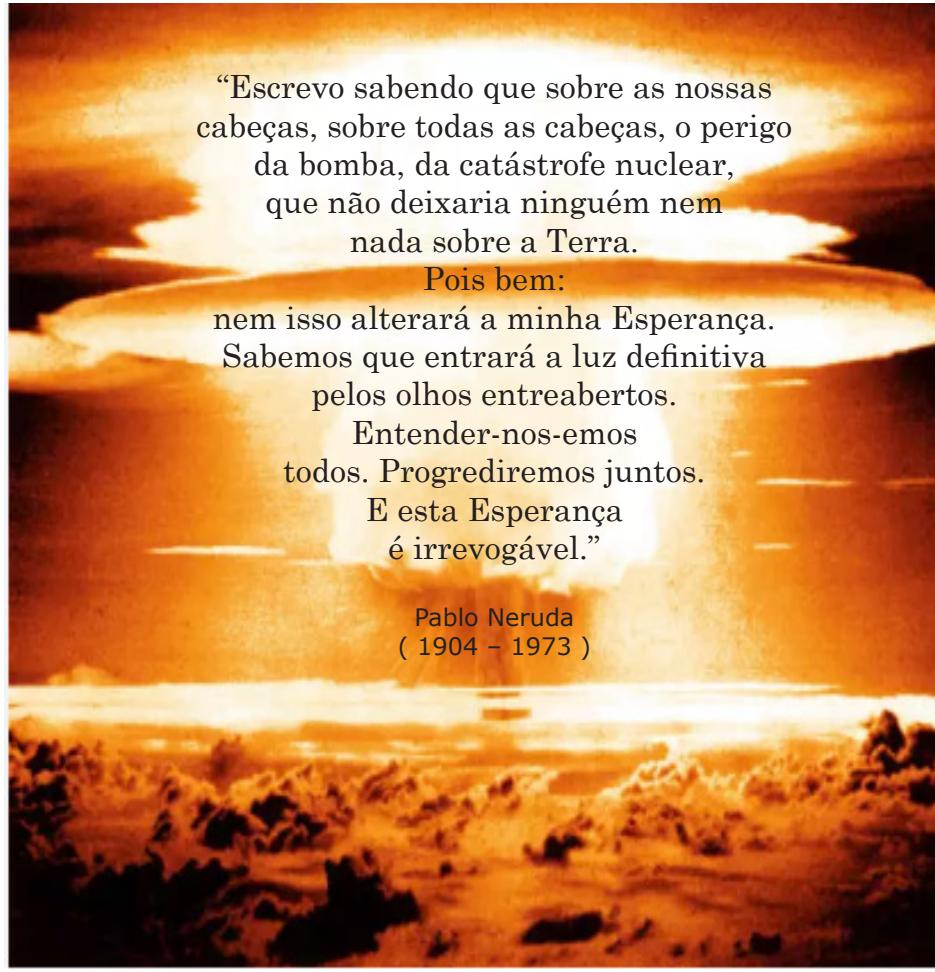
quenos gestos de amor damos um passo gigantesco rumo ao despertar da criança interior, porque dele brotam a espontaneidade, a pureza de coração, a sinceridade, a capacidade de não se prender às mágoas do passado, atributos próprios de nossa criança ancestral.

A partir desta decisão, perceberemos os pontos de ligação entre o nosso ser e o nosso

agir. Haverá mais serenidade para transpor as barreiras do ego. Haverá mais leveza para encontrar no silêncio meditativo e na prática do bem meios eficazes para cura interior, que caminha em nossa direção como uma criança perdida, agora reencontrada.

Jorge Leão

Em: 5 de agosto de 2016.



“Escrevo sabendo que sobre as nossas cabeças, sobre todas as cabeças, o perigo da bomba, da catástrofe nuclear, que não deixaria ninguém nem nada sobre a Terra.

Pois bem:

nem isso alterará a minha Esperança.  
Sabemos que entrará a luz definitiva  
pelos olhos entreabertos.

Entender-nos-emos  
todos. Progrediremos juntos.  
E esta Esperança  
é irrevogável.”

Pablo Neruda  
( 1904 – 1973 )

# O QUE ESTÁ CURANDO A ALMA?

*É perdoar aquele que te causou mal. É pra parar de falar mal dos outros.*

*É para parar de julgar. É gratidão por cada acontecimento em nossas vidas.*

*Está trabalhando no nosso ser interior. Auto-observação.*

*É entender que não somos perfeitos e aceitando nossos erros.*

*Está se conectando todos os dias com nosso poder divino.*

*É deixar ir o que dói e não continuar no passado.*

*É livrar-se do que não precisamos.*

*É abraçar nossos dias como se fossem os últimos.*

*É ajudar aqueles que precisam e praticar a compaixão.*

*É aprender a receber e dar sem esperar.*

*Está colocando de lado nossas expectativas. Pratique o desapego.*

*Curar a alma é um processo de libertação e aceitação.*

*É um processo de evolução e consciência.*

*A cura da alma é feita através de pequenos atos em nossas vidas que não exigem mais do que nossa boa vontade, aceitação e amor-próprio.*

*Não importa para onde você vá, não importa o que você esconde, não importa onde você se esconde, se você não organizar seu caos interno, ele estará com você onde você se esconde e ele seguirá você para todo lugar, onde você for.*

*Se quiser mudar seus frutos, primeiro terá que mudar as raízes, se quiser mudar o tangível, primeiro mude o intangível, se quiser mudar o visível, primeiro deve mudar o invisível.*

*Cada patch emocional tem uma data de validade.*

*Então hoje é o dia e agora é a hora de começar.*

ALOHA



# Trabalho é mesmo sinônimo de DIGNIDADE?

Por Rogério Rocha, escritor e poeta, São Luís, Maranhão

**H**oje é Dia do Trabalho. Essa atividade humana ajudou a construir e moldar o mundo. Também está intimamente ligada às nossas identidades sociais. Afinal, depois do nosso nome, é a primeira coisa que determina algo sobre o que nós somos: carpinteiros, médicos, garis, comerciários, taxistas, professores, etc. Dito de outra maneira, somos o que somos e o que fazemos.

Atualmente, contudo, além desse modo fundamental de ação que nos constitui enquanto sujeitos, através de empregos, ocupações, funções e tarefas, o trabalho virou sinônimo de exaustão, pressa, metas inalcançáveis e chefes que se escondem atrás de algoritmos.

Aprendi que a gente deve trabalhar para viver — e não o contrário. Cresci ouvindo dizer que o trabalho significa o homem (uma frase tão simples quanto bela e profunda). Mas, confesso, nunca me acostumei com o fato de que essa mesma ‘dignidade’ fosse quase um sinônimo de sacrifício.

Não imaginei o tempo livre como um luxo e o descanso como culpa. Afinal, tenho visto como, mesmo quando o expediente acaba, a mente das pessoas segue girando em torno de preocupações da profissão e das demandas do mundo laboral. As mensagens não cessam. As cobranças também não.

Temos sistemas operacionais, ferramentas de produti-

vidade, programas auxiliando em tarefas e a inteligência artificial, mas, ao invés disso aliviar o peso sobre nossas costas, parece gerar novas formas de cobrança, mais sutis e cruéis.

O que resta do indivíduo quando seu mundo gira em torno da produtividade? Quando as horas trabalhadas valem mais que a vida?

Neste 1º de Maio, escolho desacelerar. Escolho pensar nas vidas dilaceradas pelo cansaço, pelas dores e doenças mentais, nos sonhos engo-

lidos pelos turnos intermináveis, nos que trabalham para sobreviver, mas não vivem. E me uno àqueles que acreditam que o mundo do trabalho pode — e deve — ser mais justo.

Luto hoje não apenas por melhores condições de trabalho, mas por uma vida digna no mundo laboral. Para que a tecnologia sirva à liberdade e não à escravidão e ao controle excessivo. Por um tempo em que a palavra “trabalho” vire sinônimo de “esperança”.

Feliz Dia do Trabalho!

### *Para Refletir*

*“Aprender a respeitar a diferença é uma atitude que deve contar com o apoio não só da escola, mas da família e da comunidade. Interculturalidade é uma atitude, e uma atitude dependente de uma construção, que, por sua vez, precisa ser sentida para ser realizada no decorrer da vida de cada criança, jovem ou adulto.”*

Márcia Wayna Kambeba:  
“Saberes da Floresta”, p. 28.



## TOADA DE TERNURA

*Para Leonardo, um menino meu amigo*

O meu companheiro menino,  
perante o azul do teu dia,  
trago sagradas primícias  
de um reino que vai se erguer  
de claridão e alegria.

É um reino que estava perto,  
de repente ficou longe:  
não faz mal, vamos andando  
porque lá é o nosso lugar.

Vamos remando, Leonardo,  
porque é preciso chegar.  
Teu remo ferindo a noite,  
vai construindo amanhã.  
Na proa do teu navio  
chegaremos pelo mar.

Talvez cheguemos por terra,  
na poeira do caminhão,  
um doce rastro varando  
as fomes da escuridão.

Não faz mal se vais dormindo,  
porque teu sono é canção.  
Vamos andando, Leonardo.  
Tu vais de Estrela na mão,  
tu vais levando o pendão.  
Tu vais plantando ternuras  
na madrugada do chão.

Meu companheiro menino,  
nesta Reino serás humano,  
como o teu pai sabe ser.  
Mas leva contigo a infância,  
como uma rosa de flama  
ardendo no coração:  
porque é de infância, Leonardo,  
que o mundo tem precisão.

*Thiago de Mello  
Santiago do Chile,  
novembro de 1964*





*“Quem não vive a gratuidade fraterna, transforma a sua existência num comércio cheio de ansiedade: está sempre a medir aquilo que dá e o que recebe em troca.”*

*“Possa uma corrente de compromisso pela paz unir todos os seres humanos de boa vontade. Trata-se de um forte e premente convite que dirijo aos fieis de todas as religiões e também àqueles irmãos e irmãs que não creem: a paz é um bem que supera qualquer barreira, porque é um bem de toda a humanidade.”*

*“Se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida.”*

*“Busca horizontes, abre-te! Abre-te a grandes coisas, abre-te e sonha! Sonha que o mundo contigo pode ser diferente... Sonha que se você põe o seu melhor, vai ajudar para que este mundo seja diferente...”*

*“Não esqueça: sonha! Se a vida te corta o caminho, não importa, sonha!”*

*“Quanto maior for a capacidade de sonhar, mais caminho terás percorrido!”*

*“Assim, em primeiro lugar, sonha!”*

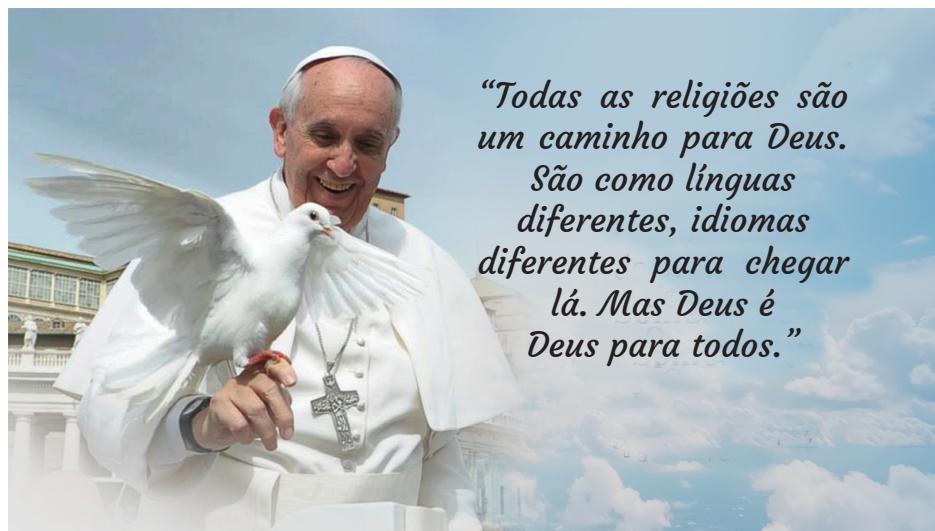
**“Mãos abertas para o trabalho... para rezar... para celebrar a amizade... a educação...”**

Mãos abertas para acariciar a mãe a seu filho, dos esposos que se amam... de um avô que acaricia seus netos... Mãos abertas significa um coração nas mãos...

Abertas para o serviço, abertas para compartilhar, abertas para expressar o amor e o carinho. Os de mãos abertas, não se esqueçam que as mãos são uma mensagem e que isto podem realizar em suas vidas...”

*“As diferenças sempre nos assustam, porque nos fazem crescer.  
A uniformidade não faz crescer, por isso não assusta.  
As diferenças são criativas, geram tensão.  
E o progresso da humanidade está na resolução de uma tensão.”*

**“O AMOR FRATERNO MULTIPLICA A NOSSA CAPACIDADE DE NOS ALEGRARMOS, JÁ QUE NOS Torna CAPAZES DE DESFRUTAR O BEM DOS OUTROS.”**



*“Todas as religiões são um caminho para Deus.  
São como línguas diferentes, idiomas diferentes para chegar lá. Mas Deus é Deus para todos.”*

## CABOCLO ROCEIRO

Caboclo roceiro das plagas do norte,  
que vives sem sorte, sem terra e sem lar,  
a tua desdita é tristonho que canto,  
se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,  
é rude, cativo, não tem liberdade.  
A roça é teu mundo e também tua escola,  
teu braço é a mola que move a cidade.

De noite, tu vives na tua palhoça,  
de dia, na roça, de enxada na mão,  
julgando que Deus é um pâi vingativo,  
não vês o motivo da tua opressão.

Tu pensas, amigo, que a vida que levas,  
de dores e trevas, debaixo da cruz  
e as crises cortantes quais finas espadas,  
são penas mandadas por Nosso Jesus.

Tu és, nesta vida, um fiel penitente,  
um pobre inocente no banco do réu.  
Caboclo, não guardes contigo esta crença,  
a tua sentença não parte do céu.  
O Mestre Divino, que é Sábio Profundo,  
não fez, neste mundo, o teu fado infeliz.  
As tuas desgraças, com tuas desordens,  
não nascem das ordens do Eterno Juiz.

A lua te afaga sem ter empecilho,  
O sol o seu brilho jamais te negou,  
porém, os ingratôs, com ódio e com guerra,  
tomaram-te a terra que Deus te entregou.

De noite, tu vives na tua palhoça,  
de dia, na roça, de enxada na mão.  
Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,  
tu és meu amigo, tu és meu irmão.

PATATIVA DO ASSARÉ -

Melhores Poemas, seleção de  
Cláudio Portella, São Paulo:  
Global Editora, 2006, p. 85 – 86.





## FLOR NA FENDA DA ROCHA

**A** coisa não fazia sentido. Não chegava a ser carta. Um bilhete, escrito numa folha de bloco amarelo, rasgada pelo meio. O nome que assinava não me fazia lembrar ninguém. Vinha de algum lugar dos Estados Unidos.

Pensei que se tratava de mais uma dessas pessoas estranhas que escrevem coisas sem nexo para desconhecidos. Por alguma razão que eu ignorava eu fora escolhido. Dois dias depois uma carta de um amigo me explicou o mistério. O bilhete me fora enviado de uma prisão. O preso tinha sido executivo de uma multinacional.

De repente, não mais que de repente, se deu conta de que a vida era muito breve e que sua verdade mais profunda era outra. Aquilo que estava fazendo não era o que desejava fazer. O que ele amava, mesmo, era a natureza com suas belezas e mistérios: o silêncio das montanhas cobertas de neve, as matas com suas árvores e seus bichos, os rios de águas transparentes.

E no entanto - ele o sabia - por todos os lados os homens de guerra a haviam violentado, enchendo-a de instrumentos de morte: fábricas de bombas nucleares, fortalezas subterrâneas onde se aninhavam foguetes cheios de morte. Que lhe adiantava entregar sua vida ao enriquecimento de uma multinacional se este mundo, nosso lar, poderia, a qualquer momento, ser transformado numa imensa solidão: os homens mortos, as florestas queimadas, as montanhas solitárias, os rios correndo transformados em veneno?

Demitiu-se. Pensaram que um emprego melhor lhe tinha sido oferecido. Quando contou que iria fazer julgaram-no louco. Desfez-se de tudo que tinha: é preciso leveza, nada que segure. Pôs as poucas coisas que lhe eram necessárias numa mochila: pode-se viver com muito pouco.

Entre suas coisas, dois ou três livros: é bom caminhar com aqueles que sonham os mesmos sonhos, ainda que

estejam distantes e o que dele se tenha seja apenas o que escreveram. Assim, mesmo longe, se forma a companhia dos conspiradores, pessoas que respiram o mesmo ar - com-inspirar. Ficamos amigos sem que nunca nos tenhamos encontrado. Sem ter casa fixa, juntou-se a um grupo de pacifistas.

Mas, o que pode um grupinho insignificante contra o poder da morte? Muito pouco. Mas não importa. É preciso obedecer à voz interior da verdade. Contra a loucura forte dos homens de guerra só resta a loucura mansa dos homens de paz.

Passaram, então, de forma obstinada e tranquila, a fazer uma única coisa. Adentraram pacificamente as instalações nucleares norte-americanas, caminhavam na direção dos lugares onde se fabricava a morte e se assentavam nos locais rigorosamente proibidos. Para quê? Só para dizer a sua verdade.

Que prefeririam morrer a matar. Que a derrota militar é preferível à destruição do mundo. Mil anos de cativeiro são preferíveis a uma vitória nuclear. Pois no cativeiro permanece a esperança de que a vida poderá nascer de novo. Mas numa vitória nuclear só sobrarão os mortos.

A vida é um valor mais alto que as ilusões da guerra. Seu gesto manso durava pouco porque a morte não anda a pé. Logo chegavam os soldados armados que os levavam presos. E eram condenados pelos tribunais, por sua lealdade à verdade. Aquele bilhete esquisito me viera de uma dessas prisões. Dois anos atrás me escreveu de novo, de outra prisão. Seria libertado no dia seguinte e me dizia da sua alegria, pois dentro de poucas horas poderia de novo ver os céus estrelados. Contou-me o que acontecera.

Ele e seus amigos haviam resolvido repetir o mesmo gesto. Iriam se assentar sobre os silos atômicos - os lugares onde os foguetes ficam guardados, em posição de disparo - de uma instalação nuclear localizada no norte dos Estados Unidos. O lugar era lindo, paraíso, reserva florestal cheia de todas as formas de vida. Por uma semana ali ficaram, gozando a beleza das matas, dos animais, dos rios.

Descreveu-me as aves e os bichos. Disse-me da alegria mística que tal comunhão com a natureza lhe dava: sentimento muito próximo do sagrado - pois a natureza está cheio de beleza e de mistérios. Depois de uma semana todos caminharam para os silos, assentaram-se

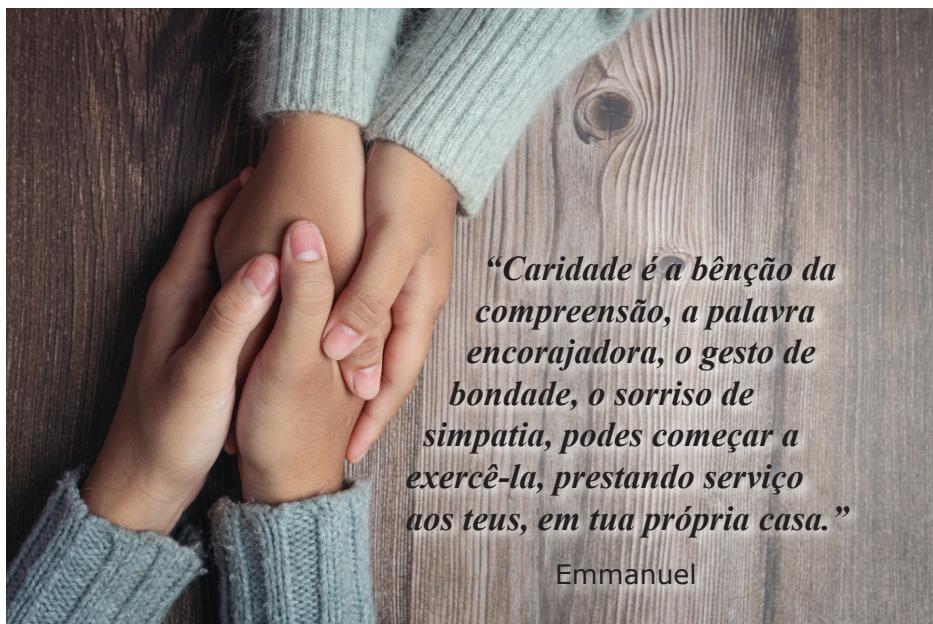
sobre eles, e em poucos minutos estavam todos presos.

No ano passado, duas semanas antes da Semana Santa, escreveu-me contando que iriam fazer coisas semelhantes no Domingo de Páscoa, para testemunhar o triunfo da vida sobre a morte. E agora, de novo fora da prisão, escreveu-me de um mosteiro trapista, no alto das montanhas rochosas.

Preparava-se para subir até os lugares mais altos, para usufruir uma semana de solidão e silêncio. Para longe do falatório, para perto da tranquilidade onde se pode ouvir a voz da verdade interior.

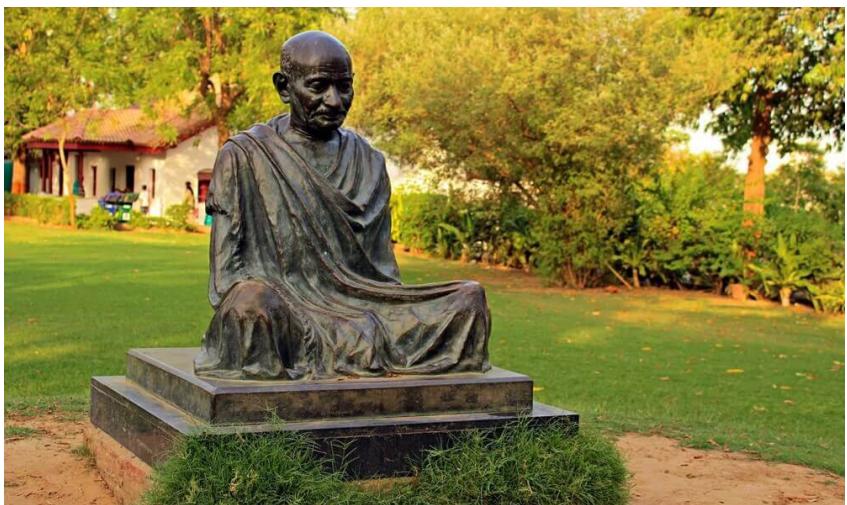
Longe, sem nunca tê-lo visto, ele me ajuda a viver. O mundo está cheio de pessoas simples e nobres, capazes dos gestos mais loucos por pura fidelidade à sua verdade. A vida, pelo mundo todo, e a despeito da morte que vai comendo corpos, florestas, mares e rios, continua a se afirmar teimosamente como uma planta que nasce numa fenda de rocha. Como a minha "Glória da manhã", que a morte cortou e continua a florir, o Landon Sheats (este é o seu nome) teima em florescer...

*Fonte: Rubem Alves, em:  
"Tempus Fugit", p. 21 – 24.*



*“Caridade é a bênção da compreensão, a palavra encorajadora, o gesto de bondade, o sorriso de simpatia, podes começar a exercê-la, prestando serviço aos teus, em tua própria casa.”*

Emmanuel



## QUERIAM SER INICIADOS POR GANDHI...

Certo dia apareceram num dos ashrams de Gandhi dois homens e pediram ao Mahatma que os iniciasse nos mistérios do mundo espiritual.

Gandhi acedeu ao pedido e ofereceu-se para ajudá-los.

Os dois hospedaram-se no ashram, prelibando maravilhosas experiências, sob a direção de tão exímio chefe espiritual.

E, para dar preliminar à iniciação, Gandhi encarregou os dois candidatos à suprema espiritualidade de varrerem o pátio do ashram coberto de folhas secas.

Os dois empunharam as Vassouras e varreram o pátio.

Depois, Gandhi mandou que descascassem batatas e

cortassem verduras, e que rachassem lenha para o fogo sobre o qual se ia preparar o almoço de todos os residentes na colônia espiritual.

E assim se fez.

À tarde, Gandhi mandou os dois, com latas de creolina, às aldeias circunvizinhas para fazerem limpeza nas privadas e fossas, como costumava fazer ele mesmo, em companhia de uma turma especial encarregada da higiene.

Os dois candidatos à suprema espiritualidade passaram a tarde toda desinfetando instalações sanitárias com água de creolina.

Ao voltarem do serviço nada espiritual, um deles disse ao companheiro: -Será que

Gandhi se esqueceu do nosso pedido de iniciação espiritual?

Ao anoitecer, os dois aspirantes à suprema espiritualidade tomaram a sua frugal refeição em companhia de Gandhi e dos outros residentes na colônia.

Antes do descanso noturno, todos fizeram uma hora de meditação.

No dia seguinte, os mesmos trabalhos com pequenas variantes.

De manhã e à noite, horas de meditação.

Os dois estavam cada vez mais decepcionados. Esperavam, parece, que o Mahatma os convidasse para uma sala fechada, misteriosamente imersa numa penumbra azulada ou esverdeada, recorresse a algum ritualismo mágico-místico, e que dessa cerimônia os iniciandos saíssem definitivamente iniciados para o resto da vida. Viviam, como milhares de outros, na ilusão de que a iniciação consiste em algum toque de magia, em algum ato momentâneo, e não numa

permanente atitude, numa vivência contínua e progressivamente ascensional.

Finalmente, no terceiro dia, um dos candidatos teve a coragem de perguntar a Gandhi:

- Mestre, quando começa a nossa iniciação?

- Já começou - respondeu Gandhi.

- E quando terminará?

- Terminará quando vocês fizerem de boa vontade o que até agora fizeram de má vontade.

Os dois candidatos à suprema espiritualidade sumiram. Provavelmente foram dizer lá fora que esse Gandhi não é nenhuma Mahatma, nenhum verdadeiro iniciado, porque, em vez de fazer iniciação espiritual, mandava os aspirantes ocupar-se em trabalhos materiais tão ordinários como os que relatamos acima.

Fonte: ROHDEN, Huberto. *Mahatma Gandhi: o Apóstolo da não-violência*, São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 99 – 100.



*“Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.”*

Manoel de Barros:

“O Livro das Ignorâncias”, p. 79.

# POR UMA FLORESCIDADE E UMA FLORESTANIA

Ailton Krenak

Conferência no College de France, abril 2025

**B**oa tarde a todas e todos que estão colorindo esse auditório agora à tarde. Eu creio que vocês estão podendo ter uma tradução simultânea e que facilita que eu possa expor a minha fala sem aquelas interrupções que o intérprete impõe. É um privilégio e uma satisfação muito grande ser introduzido aqui pelo mestre Felipe D'Ecola, continuador de uma obra interminável, que é a de criar um espaço para que outras cosmovisões cheguem a essa casa. Manter essa porta aberta é um ofício daqueles que pensam outros mundos, que acreditam que o desafio de pensar o mundo é o de pensar além das nossas próprias demandas daquilo que são as nossas urgências.

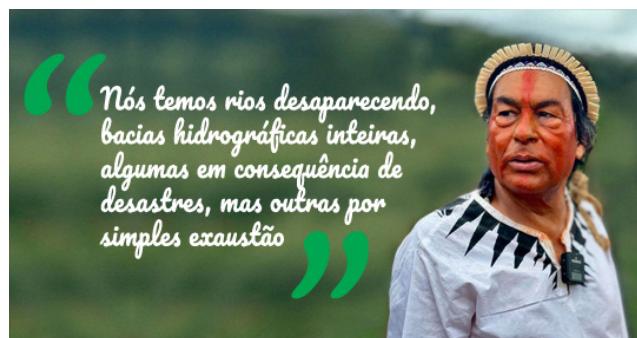
Estávamos agora nos cumprimentando e lembrando de que hoje nesse mundo, quase que unânime em ausência de perspectivas de alguma coisa que possa ser pensado como futuro, quem além dessa vasta humanidade consegue cogitar outros mundos? Quem consegue escapar a essa quase que desilusão de uma ampla humanidade que se interroga sobre o clima, sobre a paz, sobre os grandes fluxos migratórios que abalam a nossa vida no planeta, sobre a incerteza... E o tema da minha comunicação, que é "Florestania" e "Florescida", pode aparecer como uma novidade, mas eu insisto que eu busco comunicar experiências. Não é uma tese, são experiências que algumas mi-



Ihares de pessoas, em diferentes comunidades daquelas que pensam outros mundos, vêm construindo nas suas lutas cotidianas, nas suas jornadas em diferentes países periféricos, onde povos originários, povos diaspóricos, gente que teve que sair dos seus territórios de origem para procurar um lugar na Terra para viver e que estão insistindo em outros mundos além dessa experiência quase que terminal que nós, como humanidade globalizada, passamos a experimentar.

No século vinte e um, o entendimento das crises sistêmicas não é mais uma novidade pra ninguém. Nós estamos imersos nisso. Eu tenho observado não só no Brasil, mas na Colômbia, no Chile, na América Latina toda, com uma coragem de pensar outras epistemologias, uma coragem capaz de imaginar outra passagem dessa experiência dos estados nacionais, dos governos regionais, dos sistemas jurídicos que imprimiram essas vidas quase que unanimemente urbanizadas para todo mundo, instituindo o "modo cidadão de viver", esse "modo cidadão", que não é outra coisa senão o engajamento da vida dessas comunidades ao mercado. Trazer essa

gente para dentro do mercado, observar as cidades como um equipamento, um aparelho que promove esse alinhamento de uma vasta população humana a um sistema único de consumir energia, reproduzir modos de viver, escalar a natureza como matéria-prima.



*Nós temos rios desaparecendo, bacias hidrográficas inteiras, algumas em consequência de desastres, mas outras por simples exaustão*

Eu tenho insistido que fomos nos tornando uma humanidade que come a Terra. Se nós olharmos o desaparecimento de rios, montanhas, florestas vamos ver aqui a escala é suficientemente grande para incomodar e nos por diante da pergunta: quanto nós podemos ainda comer da Terra? Nós temos rios desaparecendo, bacias hidrográficas inteiras, algumas em consequência de desastres, mas outras por simples exaustão. Nós não precisamos matar um rio... Nós podemos exaurir um rio e no horizonte dos nossos antepassados isso era alguma coisa impensável... Impensável que os humanos pudessem fazer desaparecer um rio,



mas nós conseguimos trazer para o nosso Horizonte amplo de humanidade a possibilidade de rios desaparecerem.

É claro que nós já vínhamos exercitando isso escondendo os rios. Eu lembro sempre que as nossas metrópoles têm a sua superestrutura implantada em cima dos corpos da água. Andamos sobre rios escondidos, que na maioria das cidades jazem os rios debaixo das calçadas e das estruturas que vão erigindo essa paisagem tão atraente que são as cidades... Como pensar uma "florescida"? Como pensar um lugar onde o rio e uma floresta possam conviver com essa nossa disposição para nos socializar e nos reunirmos em espaços tão acolhedores e seguros que são as cidades?...

A ideia que nós temos as cidades como abrigo, como um lugar seguro e de acolhimento, talvez seja a ideia mais cultivada ao longo do que chamamos de "civilização". E essa experiência foi tão bem sucedida que ela conseguiu condenar os outros espaços que não

são a cidade como lugares vazios. Durante muito tempo nós ouvimos falar que a Amazônia era um imenso vazio, porque com essa declaração nós deixávamos disponíveis vastos espaços onde nós pudéssemos avançar com essa monocultura das metrópoles, das cidades. Nós costumamos pensar a monocultura em termos das paisagens, mas nós não costumamos ver ninguém apreciar a multiplicação dos espaços urbanos como monocultura. Parece que é óbvio e natural que a gente estenda o tapete urbano, sobretudo o corpo da Terra, à exceção daqueles que a gente vai exaurindo, incinerando o caos com as nossas atividades econômicas.

As nossas cidades poderiam ser lugares de entrada para outros possíveis modos de vida, que ajudariam nessa longa experiência de monocultura. A introdução de algo que a gente pudesse chamar de "diversidade da vida" não limitada à ideia da "biodiversidade" como estamos sempre imaginando, que ela se dá fora dos espaços controlados

pela cultura. Os espaços controlados pela cultura nós não imaginamos como possíveis lugares de reflorestar. Então, é um convite para reflorestar o nosso imaginário. Talvez podemos começar um esforço de reflorestar o nosso imaginário, para que os espaços que nós habitamos e instituímos como lugares onde que preferimos viver e ampliar as nossas experiências como comunidades humanas, que elas possam também recepcionar outras humanidades, que não seja essa exclusiva humanidade de que nós nos constituímos, que faz desaparecer os outros possíveis não humanos.

Os não humanos já tiveram participação nesses espaços e paisagens por onde nós nos movemos hoje, muito mais expressivos. Dá sentido portanto a ideia das nossas metrópoles, cidades, espaços urbanizados como monocultura, se nós pensamos essas monoculturas da mente produzindo espaços monoculturais, talvez a gente encontre um pouco do entendimento das crises que nós estamos experimentando ciclicamente.

Não conseguimos atravessar mais uma década sem algum susto monumental, sem algum anúncio que nos deixa fora totalmente no sentido da segurança de estar vivendo num lugar bom. A ideia de um mundo bom, imaginar as

florestas como uma transição da nossa experiência de um mundo exausto para um mundo que pode nos surpreender, nos obrigar a readequações, à reeducação da nossa própria mente. É o que eu estou chamando de reflorestar o nosso modo de pensar o mundo que nós habitamos, que nós compartilhamos.

Nós estamos, a maioria de nós, muito confortáveis nessa monocultura de mundo. Estamos confortáveis, porque o que é seguro, e aparentemente estável, vicia. E seria uma tragédia a gente se constituir numa humanidade viciada na monocultura, a monocultura da mente. Até a década de sessenta, setenta, nós ainda escutávamos a música, algum som distante, de alguma coisa que nos animava mudanças de mundo e o sinal disso eram as "revoluções". Eu nem sei qual foi a última vez que alguém falou essa palavra nesse tom aqui dentro, "revoluções". Essa palavra perdeu o sentido, anão ser que ela aconteça em outros mundos: no mundo da biologia, e talvez no mundo das ideias está muito raro também. Se nós não temos mais essa subjetividade, animada por essas possibilidades de mudanças amplas no mundo, talvez isso venha da monocultura que foi instituída para todos nós, a partir dos espaços que nós

cultivamos e da própria experiência de pensar o mundo que uma “monocultura da mente” implica.

Para que a gente não fique só no neologismo “florescida”, a floresta e a cidade, entendendo que as cidades têm um “devir floresta”. Assim como são hoje instituídas em espaços que a gente pode chamar de “ruínas florestais”. As ruínas florestais são os lugares onde nós gostamos de ficar, que são as cidades. Se nós pensarmos uma equilíbria compensação dos termos, nós podíamos considerar que as cidades estão devendo para a floresta. As cidades estão devendo para outras formas de vida, para uma diversidade que a floresta carrega em si e que pode alimentar um mundo onde as nossas mentes também sejam reflorestadas.

A ideia da “florescida” implica também numa ideia de “florestania”. A ideia da “florestania”, a partir da experiência de comunidades que tiveram que resistir dentro da floresta para que as suas formas de vida a seus modos de habitar o mundo, nas suas diferentes escalas pudessem também ser asseguradas, pudessem prosperar e pudessem durar. Que não vivessem sempre em estado de emergência. No Brasil, na região do Acre, no Pará, em Rondônia, e quando nós nos movemos

com a “Aliança dos povos da floresta”, nós nos movemos para assegurar que a floresta continuasse sendo o lugar de viver de milhares de milhões de pessoas que eram invisibilizadas com a narrativa de que a Amazônia é um lugar vazio ou que a floresta é um lugar inhabitado.

A floresta como um lugar habitado, densamente habitado com muitas atividades humanas, com muita atividade criativa interativa com outros modos de vida, cada vez mais tem sido percebido a partir de filmes, documentários, narrativas, romances, produtos a partir do imaginário de diferentes artistas, que conseguem povar essa floresta de um sentido tão vivo que parece que contrasta enormemente com a monocultura do pensamento instituído a partir da cidade, e diz o que nós chamamos de cidadania instituída nos espaços do concreto, do vidro e do ferro. A maior parte das nossas metrópoles é uma remodelação de matérias ou de materiais que estavam em montanhas, que estava em outras paisagens, instituindo outros desenhos e que foram trazidos para atender a essa nossa reprodução infinita de modos de habitar a Terra que são as cidades. As cidades repetidamente têm sido a resposta que nós damos à pergunta de “como habitar a Terra?”

Eu gostaria muito de conhecer alguma outra indicação de lugares habitáveis para além do formato que as cidades expressam. É muito significativo que eu esteja falando isso aqui nessa cidade, que é a cidade celebrada pelo mundo inteiro como uma das mais edificadas, expressivas e belas cidades do mundo. Isso não é um paradoxo, isso é só uma sincronicidade. Eu estou aqui podendo expressar isso para uma audiência tão gentil em permanecer me ouvindo, e acolhedora para dizer que nós podemos e somos capazes de fazer a transição nessa experiência da monocultura da mente para uma abertura a outras cosmovisões.

Eu fiz referência à palavra “revolução”, porque durante muitos séculos ela pairava no céu como um horizonte possível de mudança. Se nós já exaurimos esse horizonte, talvez agora a gente tenha que fazer como diz o poeta Carlos

Drummond de Andrade, um poeta brasileiro que eu cultivo, nós temos que voltar para o plano Terra. Drummond diz que depois que nós exaurirmos todas as nossas ambições, inclusive a de botar o pé na lua, de estabelecer morada em Marte, o homem pode fazer uma viagem de si para si mesmo e pôr o pé no chão, pôr o pé na Terra. Isso me anima a pensar uma educação ou uma pedagogia da Terra. A Terra, a floresta, o rio, as montanhas, esses outros organismos que já estavam aqui antes de nós, e que vão estar provavelmente depois que a gente não estiver aqui.

Eu me lembro que o nosso querido Viveiros de Castro incluiu em um dos seus textos, aliás apresentando o livro do Davi Kopenawa Yanomami “A queda do céu”, a afirmação de Levi-Strauss, que diz: o homem, com certeza, só apareceu na Terra muito recentemente e decerto ele não



vai estar aqui depois da Terra. Mas, antes de qualquer outro evento, somos nós que passamos, nós somos a presença mais efêmera do corpo da Terra. Nós estamos causando um dano irreparável a outras formas de vida como se nós tivéssemos o condomínio da Terra a nossa disposição.

Pensar a Terra compartilhada com bilhões de outros organismos podia ajudar aqui a gente respirar mais leve, e que a gente brincasse mais, que tivéssemos mais a experiência de fruição da vida e pudéssemos em algum momento pelo menos em algum momento afirmar que a vida é uma dança cósmica, que a vida não é exatamente carregar pedras, mesmo que para edificar bonitas cidades, porque alguém sempre carrega pedras quando nós vemos paisagens edificadas. Por mais belas que elas sejam, alguém carregou pedra.

Eu tenho sido percebido como um pensador, a quem atribui até a condição de um filósofo desses povos originários. Há outros dizem: bom, mas filosofia é uma tradição do ocidente... Eu me impliquei e eu me atrevo a pensar o mundo para além das minhas próprias necessidades. Alguém pode encontrar lá na minha prática da oralidade de narrador, de contador de histórias um homem de quarenta

e poucos anos, cinquenta anos dizendo: se eu não me incomodasse tanto com o mundo, eu podia pendurar minha rede e ficar aqui afogado esperando o tempo passar, porque essa experiência de pendurar a rede e ficar em paz, folgado, deixando o tempo passar é uma experiência tão rara que muitas pessoas não conseguiram ficar nem um mês, nenhum ano e nunca uma vida, porque preferem carregar pedra.

Pode parecer uma provocação tropicalista dizer que "a vida é fruição" ou que a vida é uma dança cósmica, se quem enuncia essa possibilidade experimenta outras passagens do tempo, outras experiências de viver, Isso que nós chamamos de "o tempo", não vai ser tão estranho, mas decerto que para muitas pessoas que me ouvem dirão: "mas isso é pura poesia"... É poesia, ótimo, poetas podem dizer coisas como "a vida é uma dança cósmica"... Eu quero ver os governos dizerem isso... Ultimamente os governos não estão dizendo nada, coisa com coisa,..

Então, que a gente pelo menos seja capaz de dizer que a vida é uma dança cósmica em muitas tradições diversas das que deram origem ao meu pensamento Krenak. A possibilidade de mundos se articularem amplamente nega a existência de um mundo só. Para mim, é muito mais di-

fícl aceitar essa ideia de um mundo só do que uma ideia de plurimundos, mundos plurais. Eu mencionei em algum momento, no começo da minha fala, que na América Latina um pensamento andino é capaz de cogitar de pluriversus, cogitar diferentes cosmovisões, articulando entendimentos de mundo coexistindo, sem eliminar o outro, sem essa fúria que está instituída na Modernidade de concorrer com o outro.

Essa necessidade de competir, de disputar, que chegou a um ânimo tão elevado que nós estamos em um planeta cindido. No livro "Ideias para adiar o fim do mundo", eu digo que parece que nós estamos com uma parte da humanaidade de um lado do esperando a outra puxar o gatilho. Será que estou exagerando? Não tem muito tempo que eu ouvi um senhor que governa um Império regional dizendo que estava pronto para um confronto global e de vez em quando um ou outro também repete uma ameaça dessas planetária. Parece que nós estamos num filme de ficção... Será que é mais tranquilo conviver com o mundo de ficções do que imaginar outros mundos? Será que nós ficamos tão chapados de realidade que pensar outros mundos desestabiliza as nossas convicções?

Eu fiquei muito estimulado pela presença de cada um de

vocês atendendo esse convite para a minha fala aqui. Em muitos momentos eu perguntei se foi nesse modo conferência, onde tive a oportunidade de um diálogo com meu anfitrião, onde essas ideias sobre "florescida" pudessem ser apresentadas de uma maneira mais amigável, menos professoral. Mas, quando me deram a oportunidade de falar dali, desse lugar onde estou falando, eu achei que esse lugar aqui era mais agradável para poder ver o rosto de vocês, para nós ficarmos assim quase que no mesmo plano, nos observando e experimentando o efeito dessas palavras.

Aprendi que as palavras têm poder de criar mundos. Aqui nessa casa muitos que me antecederam já compartilharam cosmovisões, já compartilharam narrativas de criação de mundo e esses mundos foram criados a partir da palavra. Acreditar que a palavra cria mundos, que a palavra tem poder de instituir outros mundos, é um importante recurso para gente poder cogitar outros mundos... Começar acreditando que a palavra tem algum poder, se a palavra não tem poder nenhum.

Nós estamos fadados a uma espécie de "abismo sensorial". Um abismo cognitivo. Eu tenho alertado para o risco da gente já está avançadamente sobre

esse abismo, quando nós perdemos a sensibilidade de estabelecer relação com quem não é com a gente, quem não é outro duplo nosso. Uma outra imagem nossa refletida em algum lugar, às vezes a espera das relações entre povos no mundo inteiro, a tragédia dos refugiados, a intolerância que está provocando essa movimentação toda no planeta, porque nós estamos perdendo também a confiança de que a palavra possa produzir outros mundos.

Seria para além da alegria dos poetas ou de pensadores, uma importante conquista das humanidades plurais restabelecer o dom da palavra, o poder da palavra, experimentar a palavra como alguma coisa que pode ter o poder de criar mundos. Eu sei que nós beiramos a fronteira entre visões mágicas de mudança ou até mesmo ideias religiosas sobre mudar o mundo, mas quando nós ouvimos um Xamã como Davi Kopenawa anunciar que nós estamos sob uma ameaça constante de uma queda do céu sobre as nossas cabeças, ou achamos que é só uma fábula ou levamos a sério a potência de uma cosmovisão ancestral, que mostra a evidência de que o mundo está caindo sobre a nossa cabeça com a imensa perda de qualidade da experiência de estar vivo, que nós todos como

humanidade estamos experimentando, testemunhando.

Se nós estamos experimentando o testemunhar de uma perda da qualidade da experiência de estar vivo, insistimos que não tem nada acontecendo. Uma monocultura terrível, uma monocultura talvez mais danosa e difícil de ser confrontada do que aquela que nós transformamos para o corpo da Terra com o uso de um aparato bélico para fazer a Terra dar o que nós achamos que ela tem que dar.

Eu me lembro de invocar um querido amigo, um quilombola, Nêgo Bispo, que não está entre nós para fazer essa festa, mas ele inspira a pensar mundos em que “a Terra dar, a Terra quer”. A Terra agencia não são só nós os humanos, que queremos. A Terra pode estar querendo de alguma maneira que a gente dissesse o nosso barulho. Durante a pandemia, por um instante, todos nós ficamos paralisados. Eu não acreditava que fosse possível que todos os grandes centros financeiros do mundo parassesem, que a bolsa de valores parasse, que tudo parasse. Eu creio que a maioria de vocês que estão me acompanhando nessa conversa já havia se esquecido que as bolsas pararam. Foi um episódio tão curto, na longa passagem do tempo, que nós estamos acostumados a irrelevar... Nós

irrelevamos tragédias, Nós estamos ficando especialistas em irrelevantizar tragédias.

Nós estamos perdendo a nossa confiança na nossa capacidade de criar mundos, por isso nós estamos admitindo essa espécie de colapso gradual do mundo que nós habitamos, um empobrecimento desse mundo que nós habitamos e nós não estamos sendo capazes de convocar outros mundos. Eu não imaginava que eu fosse convocar a palavra também como esse dom para além do das nossas cogitações de humanos, mas que bom que veio...

Eu tenho essa confiança de que a prática da oralidade tem

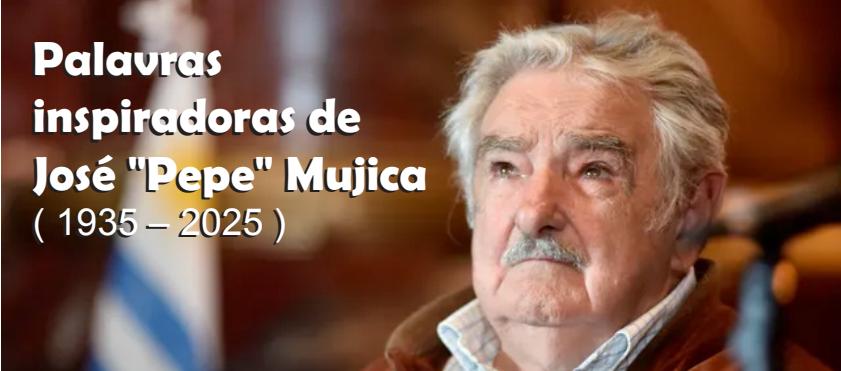
seus próprios estatutos, assim como alguém que tem a formação na academia, que tem o seu preparo para produzir uma conferência, um texto, publicar uma obra. Aqueles que vêm da oralidade assim como os griôs, que transmitiram histórias milenares e vão continuar fazendo isso enquanto tiver gente no mundo. A oralidade é um acervo inesgotável e quem acredita no poder da palavra, que persevera naquilo que aprendeu dos seus ancestrais, pode saltar com esses paraquedas coloridos sem medo, mesmo se tiver que fazer uma conferência aqui no College de France,

Obrigado pessoal!

*“Um verdadeiro parceiro ou amigo é alguém que nos encoraja a olhar para dentro de nós mesmos, para assim procurarmos a beleza e o amor que estamos buscando.”*

Thich Nhat Hanh: “A Arte de Amar”, p. 43.





# **Palavras inspiradoras de José "Pepe" Mujica ( 1935 – 2025 )**

**“Tudo se compra, menos a vida. A vida se gasta. E é lamentável desperdiçar a vida para perder a liberdade.”**

**“Os melhores líderes são os que deixam um grupo que irá superá-lo com vantagem.”**

***“A luta continua por um mundo melhor...”***

**“A vida escapa e se vai minuto a minuto, e não podemos ir ao supermercado comprar a vida. Então, lutemos para vive-la, para dar conteúdo a ela.”**

**“Pobre não é quem tem pouco. É quem precisa infinitamente de muito...”**

**“A vida não é só trabalhar, tem que se deixar um bom capítulo para as loucuras que cada um tem. Você é livre quando gasta o tempo de sua vida com as coisas que te motivam, que você gosta! O problema é: em que você gasta o tempo da sua vida? A vida é uma aventura. E o tempo da vida não se repõe...”**

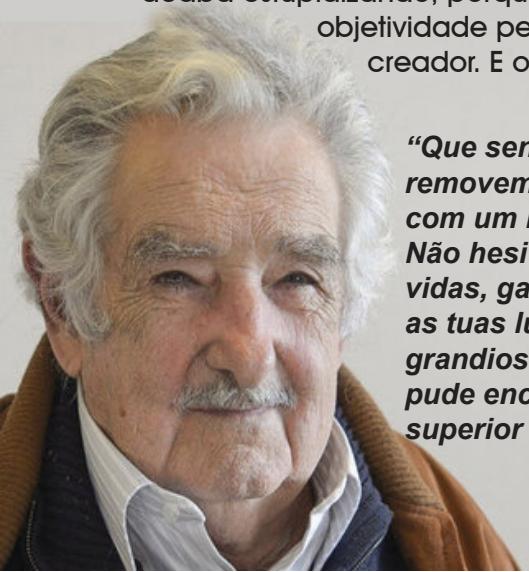
**“Tudo que vive está condenado a morrer, mas está programado a lutar pela vida. É algo contraditório e talvez seja o tempero da vida. Mas a vida se esvai, não tem jeito. Isso foi feito para dar sabor à vida. O que é dar sentido à vida? É ter algo principal, que preencha os capítulos e as preocupações da nossa existência. No meu caso, é o sonho da luta por um mundo um pouco melhor...”**

**“Nossa vida termina se transformando numa obrigação para gerar recursos econômicos e atender ao mundo crescente de novidades em oferta que nos são apresentados. Por eles, penso que a sobriedade nas formas de viver e de olhar a existência é um caminho que tenta preservar nossa humilde liberdade, que significa dispor de algo de tempo para gastar naquelas coisas que fundamentalmente nos motivam e nos dão força e prazer de viver.”**

“Você só é livre quando gasta o tempo de sua vida com as coisas que te motivam. Que você gosta... Somos diferentes, mas ter uma causa, ter uma paixão, isso leva tempo. É uma filosofia de vida. A filosofia não está na moda, pois não custa dinheiro. Mas há muita infelicidade no mundo. Não só pobreza material, mas a pobreza da mente e da alma...”

“É notável a constituição da nossa natureza... você acaba aprendendo muito mais sobre dor que sobre bonança. Isso não significa que eu recomendo o caminho da dor. Quero dizer que quero transmitir às pessoas que você pode cair e levantar-se, e que sempre vale a pena recomeçar uma e mil vezes, enquanto você estiver VIVO... Essa é a maior mensagem da vida, que pode ser resumida nisto: derrotados são aqueles que deixaram de lutar, e deixar de lutar é deixar de sonhar. Lutar, sonhar e andar no chão, colidindo com a realidade são o sentido da existência.”

“No meu jardim, há décadas, não cultivo ódio, porque aprendi uma dura lição que me impôs a vida: o ódio acaba estupidiizando, porque nos faz perder a objetividade perante as coisas. O amor é criador. E o ódio nos destrói...”



**“Que sentido teria a vida, se nos removem a esperança de sonhar com um mundo um pouco melhor? Não hesites... Se eu tivesse duas vidas, gastaria inteiras para ajudar as tuas lutas, porque é a forma mais grandiosa de querer a vida que eu pude encontrar, porque é a forma superior de estar com a vida...”**



*"A melhor maneira  
de demonstrar  
um abraço é  
abraçando..."*

Geni Núñez



*"Pensar o amor como cami-  
nho é pensar o amor como  
atitude, construção artesanal,  
fazer diário. Ele deve se ma-  
nifestar concretamente em  
nosso dia a dia. O amor é en-  
quanto acontece."*

Henrique Vieira

*"A estação emissora do Infinito está sempre  
funcionando, lançando ao espaço músicas  
de vida, saúde e felicidade – mas o nosso  
receptor humano nem sempre está devida-  
mente sintonizado para captar essa música.  
Sofremos e somos infelizes por causa da  
nossa falta de sintonização..."*

Huberto Rohden:  
"Minhas Vivências", p. 110

